

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

REBECCA DE ARAUJO RIBEIRO

**A LITERATURA JUVENIL E O PRÊMIO JABUTI (2015-2016): CRÍTICA
LITERÁRIA E FORMAÇÃO ESTÉTICA**

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2021

REBECCA DE ARAUJO RIBEIRO

**A LITERATURA JUVENIL E O PRÊMIO JABUTI (2015-2016): CRÍTICA
LITERÁRIA E FORMAÇÃO ESTÉTICA**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Letras-português do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado (a) em Letras-Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariana Passos Ramalhete

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante)

R484l Ribeiro, Rebecca de Araujo.

A literatura juvenil e o prêmio Jabuti (2015-2016) : crítica literária e formação estética / Rebecca de Araujo Ribeiro. – 2021.

64 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Mariana Passos Ramalhete.

Monografia (graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Curso de Licenciatura em Letras Português. Venda Nova do Imigrante, 2021.

1. Literatura juvenil. 2. Prêmio Jabuti. 3. Análise. I. Ramalhete, Mariana Passos. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 23 – 808.8907

Elaborada por Adriana Souza Machado – CRB-6/ES – 572



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

FORMULÁRIO DE PARECER DA APRESENTAÇÃO FINAL DO TCC II

A discente **Rebecca de Araujo Ribeiro** apresentou a versão final do TCC com o título **A Literatura Juvenil e o Prêmio Jabuti (2015-2016): crítica literária e formação estética** ao Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho obteve nota**100**....., com o seguinte parecer:

- Aprovação, sem reservas, do Trabalho de Conclusão de Curso.
- Aprovação somente após satisfazer as exigências pré-determinadas, no prazo fixado pelo Regulamento (não superior ao término do período letivo).
- Reprovação o Trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do/a Orientador/a
Profa Dra Mariana Passos Ramalhete
Siape: 2419041

Assinatura do Avaliador (a) I*

Assinatura do Avaliador (a) II*

* Preencher somente se houver banca examinadora.

Venda Nova do Imigrante, 24 de fevereiro de 2022.

À minha família,
por toda demonstração de amor,
zelo e carinho durante toda trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela vida que me deu e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos que surgiram ao longo do curso.

À minha família, em especial aos meus pais, Renato e Verônica, e minha irmã, Ludmila, que sempre souberam como cuidar de mim, desde os menores aos maiores detalhes; que entenderam minhas ausências e que não mediram esforços e amor para que eu conseguisse chegar aqui. Não tenho palavras para expressar a minha gratidão.

Ao meu amor e melhor amigo, Davi, que sempre me ouviu, me apoiou, aconselhou e incentivou; eu sempre sonhei, mas hoje meus sonhos são maiores e mais ousados por causa dele.

Aos meus amigos, aos antigos e aos que o Instituto Federal me deu, por compartilharem as alegrias e os choros, pelo companheirismo, pelas palavras e pelas memórias que criamos juntos e que nunca esquecerei.

À minha orientadora de Iniciação Científica e da Monografia, Dr^a Mariana Passos Ramallete; suas orientações e seus ouvidos sempre me acalentaram em toda caminhada.

Aos professores do curso, pelo ensinamento e dedicação.

Ao grupo de pesquisa, mulheres incríveis que se tornaram minhas amigas. Eu as levarei para a vida.

E, por fim, sou grata a todos que contribuíram, de alguma forma, direta ou indiretamente, para que esta monografia se tornasse possível. Com sorrisos, mãos amigas e bons conselhos, todos nós ganhamos força para continuar.

RESUMO

A literatura é fator intrínseco de humanização e de afirmar o homem na humanidade (CANDIDO, 1995). Assim, o estudo sobre esta é de suma importância, uma vez que tem total relação com a formação de seres humanos. Dito isto, esta monografia vincula-se a um projeto de pesquisa maior, intitulado O panorama da literatura juvenil no Brasil: um estudo de 2015 a 2020, cujo escopo, na interface entre os Estudos Literários e a Educação, visa a conhecer obras literárias direcionadas ao público infantil e juvenil, a partir de três crivos: o Prêmio Jabuti, o Prêmio FNLIJ e livros mais vendidos durante o período supracitado. No entanto, este trabalho, em específico, objetiva compreender o perfil estético dos livros juvenis chancelados pelo prêmio Jabuti nos anos de 2015 e 2016, a saber: A linha Negra, de Mario Teixeira e O Labatruz e outras desventuras, de Judith Nogueira, e reconhecer a importância desta premiação e da crítica literária no sistema literário brasileiro atual e a formação de um público leitor em relação intrincada com o mercado e as ofertas de livros. Para isso, foram utilizados os estudos de Candido (1995, 1999, 2000), Corrêa et al. (2019), Durão (2016) e Loureiro et al. (2020). Isso exposto, verificou-se, como resultados, que os livros premiados apresentam um distanciamento gigantesco entre os livros mais vendidos. Isto porque, diferentemente dos livros mais vendidos, que são, em sua grande maioria, frutos da indústria cultural e voltados somente para a comercialização, deixando assim de serem instrumentos de intervenção social e formação humanizadora; os livros premiados não têm em seu cerne apenas o foco de gerar prazer e entretenimento, indo muito além. Porque enquanto a indústria cultural limita, danifica e materializa discursos da minoria, a crítica literária e as instâncias premiadoras, como a do Prêmio Jabuti, expandem, restauram e sustentam discursos que representam a maioria através da valorização de obras de alta qualidade estética.

Palavras-chave: A linha negra. Crítica Literária. Literatura juvenil. O Labatruz e outras desventuras. Prêmio Jabuti.

ABSTRACT

Literature is an intrinsic factor of humanization and of affirming man in humanity (CANDIDO, 1995). So, this study is of paramount importance, because it is totally related to the formation of humanity. That said, this monograph is linked to a larger research project, entitled *O panorama da literatura juvenil brasileira (2015-2020)*, whose scope, at the interface between Literary Studies and Education, aims to get to know literary books aimed at children and young people, from three screens: the Jabuti Award, the FNLIJ Award and best-selling books during the chosen period. However, this work, specifically, it is focused on understand the aesthetic profile of juvenile books awarded by the Jabuti award in the years 2015 and 2016, that is: *A linha Negra*, by Mario Teixeira e *O Labatrúz e outras desventuras*, by Judith Nogueira and recognize the importance of this award and literary criticism in the current Brazilian literary system with the formation of a readership in an intricate relationship with the market and book offerings. For this, through studies by Candido (1995, 1999, 2000), Corrêa et al. (2019), Durão (2016) and Loureiro et al. (2020) it was found, as a result, that the award-winning books represent a gigantic gap between the best-selling books. This is due to the unlike the best-selling books, which are, for the most part, consequences of the cultural industry targeting only for commercialization, and not being used as instruments of social intervention and humanizing training; award-winning books are not just about generating pleasure and entertainment, they go far beyond that. Furthermore, while the cultural industry limits, damages and materializes minority discourses, literary criticism and award-winning instances, such as the Jabuti Prize, expand, restore and sustain discourses that represent the majority through the valorization of books of high aesthetic quality.

Keywords: Juvenile Literature. Literary Criticism. The black line. The Labatrúz and other misadventures. Tortoise Award.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Capa do livro <i>A linha negra</i> , de Teixeira (2014).....	36
Ilustração 2 - Desenhos de Allan Alex, 2014.....	37
Ilustração 3 - Capa do livro <i>O labatruz e outras desventuras</i> , de Nogueira (2015)...	53

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Tabela 1 - Resumo de Trabalhos da Revisão de Literatura.....16

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS

FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

IFES - Instituto Federal do Espírito Santo

LJ - Literatura Juvenil

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REVISÃO DE LITERATURA	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	28
3 METODOLOGIA	33
4 ANÁLISE DE CORPUS	34
4.1 A LINHA NEGRA	34
4.2 O LABATRUZ E OUTRAS DESVENTURAS	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

A presente monografia faz parte de uma pesquisa recém finalizada pelo grupo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), intitulada *O panorama da Literatura juvenil no Brasil: um estudo de 2015 a 2020*. Tal pesquisa focaliza a investigação acerca do perfil estético-literário de obras juvenis que foram premiadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e pela Câmara Brasileira do Livro - Prêmio Jabuti, e ainda a análise dos livros mais vendidos nesse mesmo período de tempo. No entanto, esta monografia se deterá na análise dos livros premiados pelo Prêmio Jabuti, na categoria juvenil, nos anos de 2015 e 2016.

O Prêmio Jabuti foi criado pela Câmara Brasileira do Livro e premia todos os anos diversos livros em categorias e gênero diferentes, a fim de valorizar obras nacionais cuja qualidade estética esteja em seu cerne e de divulgá-las à sociedade, incentivando a leitura de obras literárias que fogem do senso comum e das garras que tentam prendê-las aos valores pedagogizantes e da cultura de massa. Além disso, o Prêmio é uma instância importante, visto que apresenta, todos os anos, escritores e ajuda a manter o mercado editorial brasileiro vivo.

Dito isto, é interessante ressaltar que, historicamente, a literatura para jovens e crianças foi movida e marcada por um amontoado de interesses burgueses. Isso porque, desde seu início, foi associada à pedagogia, sendo utilizada para doutrinar, difundir preceitos e regras de comportamento a esse público na escola e no seio familiar, bem como na cultura de massa. Como resultado, as obras voltadas para esse grupo foram desvalorizadas e consideradas uma manifestação de arte menor, visto que não eram feitas para adultos, mas por adultos para crianças e jovens. Logo, as Literaturas infantil e juvenil obtiveram, tardiamente, o reconhecimento como produção artística e com valor estético.

Nesse sentido, atualmente, parte delas ainda permanecem sob certo controle, mas agora da indústria cultural hegemônica que uniformiza a arte. Dessa forma, percebe-se que ainda predomina uma confusão entre o caráter artístico e moralizante da

Literatura, visto que muitas narrativas continuam a refletir outros interesses que não o da fruição estética.

Pensando nisso, a literatura, enquanto formadora do caráter humano e da subjetividade por meio da arte, nesse tempo, começa a ser substituída pelas obras mais vendidas, cujo foco está somente no mercado editorial e na cultura hedonista. Portanto, percebe-se que há muitos livros sendo moldados pelos interesses mercadológicos, o que chama a atenção para a relevância da crítica literária como agente de transformação no conceito de literatura (DURÃO, 2016) dentro do sistema literário brasileiro e como aquela que pode cancelar obras literárias de alta qualidade para que tais bombardeios, que tentam atingir a literatura, caiam por terra.

Por conseguinte, cabe ainda salientar que, no grande apanhado de obras sendo produzidas e movimentadas pelo mercado editorial, há uma grande oferta de livros voltada tão somente para o lucro. Tais livros, muitas vezes, têm sido oferecidos no ambiente escolar e, assim, infelizmente, diminuído o acesso das massas a uma experiência legítima com a arte por meio da leitura literária, porque a escola é o único espaço que muitos indivíduos têm acesso aos livros. Tal fato dá margem para que livros como os que a indústria cultural tem produzido e difundido ganhem cada vez mais visibilidade em vez daqueles que são constituídos de qualidade estética e que guardam em si conhecimentos elaborados historicamente e pensados em prol da formação integral dos leitores.

Dessa maneira, entendendo a necessidade de destacar obras que fogem de tal dominação e de apresentar instâncias que legitimam e corroboram para que essas obras de qualidade estética sejam cada vez mais reconhecidas e lidas, esta monografia propõe-se a compreender como é traçado o perfil estético-literário das obras cujo público-alvo são os adolescentes e jovens com base nos livros que foram premiados no Prêmio Jabuti nos anos de 2015 e 2016. Isso porque é primordial que se entenda como instâncias brasileiras que cancelam obras literárias direcionam a leitura no país, considerando a formação de um público leitor em relação intrincada com o mercado editorial e as ofertas de livros.

Assim, se há muitos livros sendo moldados pelos interesses e pelas estratégias mercadológicas, ressalta-se, nessa pesquisa, a relevância das instâncias que premiam obras literárias de qualidade, como o Prêmio Jabuti, e a crítica literária. Isso porque a crítica literária tem como instrumento a leitura sensível aliada ao conhecimento técnico e a uma imaginação advinda de uma experiência estética da obra, proporcionando que a arte ganhe cada vez mais espaço.

Dessa forma, esta pesquisa justifica-se pela sua importância política ao tratar da questão editorial e da crítica literária no Brasil sob a ótica de livros premiados pelo Prêmio Jabuti destinados a jovens leitores. Ademais, a pesquisa ainda se justifica por se tratar de um estudo comparativo para que se conheça se há proximidade ou distanciamento entre o perfil de livros premiados e dos livros mais vendidos, além de colaborar com os debates que envolvem a leitura literária e a formação do leitor. E, por fim, pela imprescindibilidade de serem apontadas as instâncias que têm legitimado obras de literatura juvenil brasileira que prezam por uma qualidade estética literária, a fim de que sejam mais divulgadas.

Além disso, este estudo se propõe a comentar sobre a constituição do Prêmio Jabuti e sua importância na formação de leitores. E, ainda, responder uma questão: qual é o perfil estético-literário dos livros brasileiros juvenis chancelados pela Câmara Brasileira do Livro-Prêmio Jabuti e pela crítica literária nos anos de 2015 e 2016?

Para responder tal interrogativa, o *corpus* desta monografia será composto por duas obras premiadas pelo Jabuti (2015 - 2016): *O Labatrúz e outras desventuras*, de autoria de Judith Nogueira, livro publicado pela editora Quatro cantos e vencedor do Prêmio Jabuti 2015 na categoria juvenil, e *A linha Negra*, de autoria de Mario Teixeira, obra publicada pela editora Scipione, também vencedor do Prêmio Jabuti na categoria juvenil, porém no ano de 2016.

Destarte, este trabalho será organizado da seguinte maneira: além desta primeira parte de introdução, haverá a revisão de literatura, espaço em que serão apresentadas outras pesquisas que se aproximam da temática desta monografia. O segundo momento será destinado à fundamentação teórica, ambiente de discussão e debate acerca de conceitos pertinentes à proposta que aqui se faz.

Posteriormente, será apresentada a forma como este trabalho foi estruturado para, então, haver a análise do corpus com base nos referenciais teóricos escolhidos. Por fim, as considerações finais retomarão aspectos importantes no que diz respeito ao Prêmio Jabuti, à crítica literária e à formação de leitores.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa objetiva compreender o perfil estético dos livros juvenis cancelados pelo Prêmio Jabuti nos anos de 2015 e 2016. Para tanto, foram elencados trabalhos que desenvolvem pesquisas com a mesma temática, a fim de evidenciar variadas perspectivas teórico-metodológicas. O propósito desta concentra-se em averiguar como as demais pesquisas abordam os estudos relacionados aos prêmios literários, em especial ao Prêmio Jabuti na categoria juvenil, e quais os aspectos que legitimam a qualidade das obras em questão. Dessa forma, a apuração se deu a partir de artigos acadêmicos, baseando-se em alguns descritores, a saber: Literatura juvenil, Literatura juvenil premiada, prêmios literários, prêmio jabuti, prêmio jabuti categoria juvenil e o indigesto na literatura juvenil, os quais foram pesquisados no Google acadêmico e na base de dados SciELO. Assim, foram encontrados sete trabalhos, os quais serão apresentados no quadro abaixo:

Tabela 1 - Resumo de Trabalhos da Revisão de Literatura

Título do trabalho	Autores (as)	Breve resumo	Natureza do trabalho/ Ano de publicação
Literatura juvenil brasileira: narrativas do século XXI	Roselei Battisti Ana Paula Teixeira Porto	Apresenta reflexões sobre a literatura juvenil brasileira, suas narrativas literárias e aborda uma tendência que singulariza essa produção publicada no século XXI.	Artigo acadêmico. 2016
O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)	Regina Zilberman	Examina-se características de autores e obras, no que concerne ao que é considerado mais representativo da ficção atual brasileira.	Artigo acadêmico. 2017

Romance juvenil: panorama via prêmio jabuti (2007-2017)	Cristina Rothier Duarte Daniela Maria Segabinazi Maria das Graças de Aquino Santos	Apresenta um panorama da produção literária de romances juvenis dos títulos contemplados pelo Prêmio Jabuti (2007 – 2017).	Artigo acadêmico. 2018
Perfil dos autores premiados na categoria Romance e do Prêmio Jabuti	Ana Paula Teixeira Porto Emanoeli Ballin Picolotto	Apresenta uma breve descrição sobre o prêmio Jabuti e, em seguida, identifica o perfil dos autores premiados no século .XXI, entre os anos 2000 e 2016, apenas na categoria romance.	Ensaio. 2018
Entre o dito e não-dito: a morte na literatura infantojuvenil	Marcus Vinicius Mayer Pereira Fernando Seffner	Apresenta a leitura das obras literárias como potenciais em abordar temas sensíveis para a formação do leitor.	Artigo acadêmico. 2019
A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades	Edgar Roberto Kirchof Renata Junqueira de Souza	Apresenta as principais inovações tanto no que diz respeito à forma – e mesmo aos formatos – quanto aos temas abordados nas obras de literatura infantojuvenil..	Artigo acadêmico. 2019
A representação da literatura escrita por mulheres no prêmio Jabuti	Franciele Fátima Baccon Rosiene Almeida Souza Haetinger	Analisa a representatividade feminina no Prêmio Jabuti, principal premiação literária do Brasil, no período de 2000 a 2017.	Artigo acadêmico. 2020

Fonte: Battisti e Porto, 2016; Zilberman, 2017; Duarte, Segabinazi e Santos, 2018; Porto e Picolotto, 2018; Pereira e Seffner, 2019; Kirchof e Souza, 2019; Baccon e Haetinger, 2020.

O artigo de Battisti e Porto (2016), intitulado *Literatura juvenil brasileira: narrativas do século XXI*, ampara-se nos estudos de Bourdieu (2012), Candido (1995), Aguiar e Ceccantini (2000) e Lajolo (1986) para desenvolver reflexões sobre quais narrativas literárias têm sobressaído na literatura juvenil brasileira e sobre as tendências que tornam essa literatura heterogênea e, diversas vezes, com elementos inovadores. Isso posto, as autoras abordam um breve panorama do início da Literatura juvenil e comentam sobre como, até hoje, ainda há uma tensão entre esta última e a literatura dita adulta. Este embate se dá porque a literatura juvenil contém especificidades não só quanto aos padrões estruturais de composição estética, de temas e de elementos internos, mas também a um público leitor juvenil, elemento externo caracterizador dessas obras.

Sobre os elementos internos, Battisti e Porto (2016) afirmam que muitos autores têm buscado na valorização estética novas formas e temas do século XXI, que abordam assuntos indigestos, como a morte, a violência e o abandono, temáticas que auxiliam os leitores a reconhecerem suas próprias angústias e serem humanizados. Agora, sobre a especificidade do público, as autoras comentam que, por ser crítica a concepção de adolescência, isso reflete na construção dessas obras. No entanto, elas ressaltam que, assim como as concepções de infância, família e gênero são construções históricas e sociais, o conceito de adolescência também tem sofrido certa mudança, apresentando novas possibilidades e avanços. Tais mudanças ocorrem sobretudo nas narrativas juvenis do Brasil, que têm deixado de lado a ideia de que esta é uma fase que o indivíduo não é mais criança, mas também não é adulto - alguém sem identidade - para pensar nesses sujeitos como portadores de uma subjetividade e que estão em uma fase, como as outras, também decisiva em suas vidas.

Por conseguinte, apesar de ainda haver uma comparação entre a literatura juvenil e a literatura dita adulta, que, por vezes, relega as obras juvenis à arte menor, um subgênero dentro do sistema literário, cada vez mais há pesquisas que visam a Literatura Juvenil (LJ) como representante de valor estético e não como mera transmissora de valores morais e pedagogizantes. A partir disso, Battisti e Porto (2016) mencionam que tais aspectos sinalizam um movimento de emancipação e autonomia tanto para LJ quanto para os seus leitores. Dessarte, as autoras afirmam

que, apesar de a LJ apresentar singularidades, isso não tira seu valor estético. Assim, é necessário que não haja mais olhares ingênuos acerca dessa literatura, mas olhares atentos para que ela não sirva novamente aos propósitos pedagogizantes e, muito menos agora, aos do mercado. Faz-se mister também que haja um olhar atento às obras juvenis que são enviadas às escolas, local em que muitos têm a oportunidade única de acessar o direito à literatura, espaço em que ocorre a formação de leitores.

No segundo artigo mencionado, *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)*, Zilberman (2017) desenvolve sua pesquisa a partir da relação de finalistas dos concursos realizados entre os anos de 2010 a 2014 pelas seguintes organizações: Portugal Telecom, Câmara Brasileira do Livro, Academia Brasileira de Letras e Biblioteca Nacional, Governo de São Paulo e Zaffari & Bourbon. Para a autora, os prêmios literários são excelentes formas de divulgação de obras e de reconhecimento dos autores no mercado editorial, auxiliam na autonomia financeira de muitos escritores, dão visibilidade às editoras que publicam os livros vencedores e motivam os leitores a ler outras obras premiadas, que têm grande valor estético.

Além disso, Zilberman (2017) afirma que esses prêmios sinalizam tendências, uma espécie de termômetro que serve para medir o estado da literatura no momento em que algumas obras são premiadas. Nesse sentido, a autora comenta que o gênero romance tem tido bastante destaque e prestígio entre o público e as editoras, que cada vez mais se arriscam em lançá-lo nessas premiações. Por conseguinte, a autora traz um levantamento de dados acerca dos autores das obras que tiveram as maiores indicações aos prêmios anteriormente mencionados e, em seguida, traça tanto o perfil dos autores quanto o das obras.

Para o primeiro momento, a autora leva em conta questões relacionadas à produção dos autores, o gênero, a etnia, a faixa etária e a geografia, o lugar em que residem. Ela conclui que, mesmo que a relação seja diversificada, há muitos nomes que se repetem. Quanto ao gênero, o que predomina é o masculino, com 46 autores, em contrapartida ao feminino, que apresenta 16 autoras. Sobre a repartição étnica, há apenas 2 escritores negros. E sobre a geografia, o que predomina são autores que

residem na região sudeste do Brasil. Já a idade dos autores é dividida em dois grandes grupos, o grupo dos que nasceram depois de 1940 e o dos que nasceram depois de 1960.

Agora, partindo para a análise do perfil das obras, Zilberman (2017) sinaliza os seguintes traços predominantes: tema, enredo, personagens, perspectiva narrativa, espaço e tempo. O que predomina, então, são as obras de autoficção, com enredos que se passam nos centros urbanos. Os protagonistas são, majoritariamente, masculinos, de etnia caucasiana, entre 30 e 45 anos, brasileiros, profissionais da área das letras e que, por isso, pertencem à classe média, e pessoas que não mantêm vínculo com a família. Sobre a temporalidade, há a marcação predominante de enredos construídos com o presente como tempo verbal. Isso posto, a autora sinaliza que as relações dos vencedores em concursos literários não são, frequentemente, objeto de pesquisa, no entanto são relevantes, visto que comunicam a respeito da literatura enquanto voz que ultrapassa a crítica e a academia, além de evidenciar as orientações utilizadas por esses escritores premiados, que são indivíduos representativos do romance brasileiro deste tempo.

De acordo com as pesquisas de Duarte, Segabinazi e Santos (2018) referentes ao artigo *Romance juvenil: panorama via prêmio jabuti (2007-2017)*, com a ascensão da literatura juvenil e sua separação da literatura infantil, muitos pesquisadores começaram a se interessar por esta área em relação às obras, aos escritores, às editoras e às estratégias de leitura, porém este é um campo recente que ainda há escassez quanto à pesquisa de romance para esse público e que carrega resquícios de ideias de uma literatura que seja pedagogizante.

Portanto, a partir da consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do rol de obras premiadas pelo Prêmio Jabuti e embasadas nas teorias de Ceccantini (2004; 2010), Cruvinel (2009), Delbrassine (2006), Gregorin Filho (2011), Zappone (2015), as autoras visam investigar o panorama do gênero romance de 2007 a 2017, que ainda não tem um lugar bem definido na academia no Brasil, com o propósito de compreender o estado da arte e conhecer as obras disponíveis no mercado que sejam chanceladas pelo prêmio Jabuti. Para as autoras, a falta de consenso sobre o que é ser jovem é uma controvérsia que reflete na constituição dessas obras. Ao

lado disso, fincam-se alguns entendimentos ainda recorrentes sobre a literatura juvenil, a saber: que essas obras se destinam a um público homogêneo e preconcebido; que são obras denominadas como nova literatura em valores ou psicoliteratura; que são obras que devem apresentar normas de conduta (pedagogia invisível); que sempre são obras com protagonistas adolescentes, com enredos repetidos e sem recursos literários.

Nesse sentido, para seguir na contramão dessas ideias, diversas vezes sustentadas pelo mercado editorial, e reiterar a importância desse campo e do gênero romance em obras de literatura juvenil, as autoras comentam sobre os prêmios literários, buscando disseminar a legitimidade de obras juvenis que se destacam pela qualidade estética. Para elas, o surgimento de instâncias que contemplam e premiam obras juvenis são de suma importância na promoção da qualidade estética, visto que são obras diferentes daquelas promovidas pela indústria cultural e disseminadas pelo mercado editorial, além de contribuírem para a institucionalização de uma literatura que, assim como a “adulta”, segue moldes e articula-se em um sistema complexo e não superficial.

Intitulado *Perfil dos autores premiados na categoria Romance do Prêmio Jabuti*, o artigo de Porto e Picolotto (2018) visa apresentar um breve panorama acerca do Prêmio Jabuti e, posteriormente, caracterizar o perfil dos autores premiados entre os anos 2000 e 2016, na categoria romance, uma das 27 laureadas pelo prêmio. A cada ano que se passa, os interessados em conquistar o Jabuti aumentam, isso porque ele tem reconhecimento nacional e o prestígio de ter suas autorias conhecidas, visto que é uma grande premiação brasileira que tem o destaque positivo pela crítica e, ainda, uma gratificação em dinheiro. O prêmio Jabuti é referência, uma vez que está constantemente se atualizando e porque avalia diversas áreas do conhecimento, divididas em categorias, enquanto a maioria apenas avalia e premia uma ou outra.

Isso posto, as autoras partem para a análise do perfil dos autores premiados. Um dos primeiros pontos abordados por elas é que a maioria deles reside no eixo Rio-São Paulo, não aparecendo obras de autores do Centro-Oeste. Elas chegam a refletir se isso se dá porque essas obras, de fato, não são dignas do Jabuti ou

porque estão sendo ignoradas, sobrando apenas espaço para o eixo Sul-sudeste. Outro fator abordado é sobre o gênero: no rol dos autores vencedores, há o predomínio da autoria masculina em detrimento da feminina, que, de quatorze nomes, obtém apenas quatro. Agora, sobre a formação desses autores, a maioria é da área de letras e de jornalismo, o que sugere que escrever bem parte de dedicação, estudo e artifício estético, da ideia de que é preciso técnica e não só um dom ou uma boa história, valorizando, assim, a profissão do escritor de literatura. Outra coisa interessante a se destacar é que não houve nenhum autor negro ou abaixo de 30 anos nos vencedores da categoria romance nos anos de 2000 a 2016. Por fim, Porto e Picolotto (2018) evidenciam que a análise feita é importante para a divulgação literária e para a sobrevivência de prêmios como o Jabuti, ainda mais em tempos de crise e de menos leitores focados propriamente em textos de grande valor estético.

Por sua vez, as pesquisas de Pereira e Seffner (2019), presentes no artigo *Entre o dito e não-dito: a morte na literatura infantojuvenil*, estão embasados nos estudos de Àries (2017), Coelho (2000), Lajolo e Zilberman (1999) e Palo e Oliveira (2006), a fim de auxiliar a análise de obras que foram aprovadas, indicadas por meio de programa governamental, distribuídas pelo PNBE 2014 e compõem os acervos das bibliotecas escolares. As obras foram: *Para onde vamos quando desaparecemos?*, de Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso; *Menina Nina, duas razões para não chorar*, de Ziraldo; *O pato, a morte e a tulipa*, de Wolf Erlbruch; *No oco da avelã*, de Muriel Mingau e Carmen Segovia; e *Irmã-Estrela*, de autoria de Alain Mabanckou e Judith Gueyfier.

O objetivo dos autores é firmar um diálogo entre a educação em temas sensíveis e a formação dos estudantes mediados por obras literárias. O tema da morte apresenta-se como um tema indigesto que, por diversas vezes, na atualidade, não é tão discutido, seja por haver diferentes visões sobre a vida pós-morte, seja pelo clima atual de censura ao tratamento de alguns temas pelos professores, na crença de que induziria o suicídio, seja por fatores que geram um certo distanciamento em relação ao tratamento desse tema ou por ser um tema de difícil explicação. Este é um tema caro, porém necessário, uma vez que os públicos infantil e juvenil não

estão alheios a ele, visto que se inserem em contextos do cotidiano em que precisam lidar com a morte.

Por meio desse assunto, abre-se uma oportunidade para a escuta de diferentes histórias de vida, para se falar sobre as perdas e sobre a falta de controle que o homem tem sobre sua própria existência. Portanto, os autores partem do princípio de que, justamente por se tratar de uma temática socialmente viva, o tema aliado à leitura de obras literárias tem grande potência na formação de leitores, uma vez que pode gerar o interesse para inúmeras outras leituras, além de proporcionar a problematização das concepções que esse público tem sobre o assunto e suas curiosidades.

Por conseguinte, Pereira e Seffner (2019) comentam sobre como, ao longo do tempo, a literatura infantojuvenil sofreu radicalizações que ora defendiam que a finalidade dela era divertir, ora era instruir. Tal fato resulta sempre em um grande dilema para os professores e para os escritores desse público. No entanto, baseados em Coelho (2000), os autores sinalizam a literatura Infantojuvenil como pertencentes a duas áreas: a primeira, que gera emoções, pode dar prazer e, principalmente, transformar a consciência de mundo dos leitores, pois a literatura é arte; a segunda, como ferramenta utilizada para fins educativos, se associa à pedagogia. Para os autores, ainda que haja o esforço em desvincular as obras do caráter pedagogizante, o mercado editorial é promovido por políticas públicas de livros didáticos, o que acaba por renovar a sua presença nas escolas e certo caráter pedagógico. Para eles, as obras literárias na escola auxiliam tanto esse público a explorar os temas sensíveis como a formar leitores motivados, mas alertam que é preciso compreender que essa serventia não pode intervir no literário do texto.

O artigo *A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades*, de autoria de Kirchof e Souza (2019), respalda-se nas pesquisas de Azevedo (2019), Hunt (2010), Russell (2015), Souza (2009), Giroto e Souza (2010), Bianchini, Arruda e Figliolo (2015). O artigo mencionado discute sobre duas questões, ambas com relação às inovações da contemporaneidade que emergem nas novas configurações culturais e sociais: uma voltada para os novos formatos da literatura e outra para os temas. Essas diferenças têm se dado, em grande parte,

devido a discussão de conceitos como sociedade da informação e pós-moderna, modernidade líquida e modernismo tardio etc. Nesse sentido, este é um cenário bem diferente dos anteriores, sendo marcado pela liberdade de criação que permitiu muitas mudanças, mas também novos desafios, uma vez que é preciso ressignificar o lugar da literatura infantojuvenil atual na escola/educação.

Sobre as duas questões anteriormente mencionadas, Kirchof e Souza (2019) comentam sobre os novos formatos e a materialidade dos livros que, para além da relação entre o texto verbal e as ilustrações, atualmente eles também compreendem o projeto gráfico para a forma, a distribuição das letras e dos enunciados, o tamanho, as cores, a gramatura, o tamanho do papel as formas visuais e os ornamentos ao longo dos livros, fator que fez muitos estudiosos afirmarem que esse livros se caracterizam pelo tripé: texto verbal, visual e projeto gráfico. Ademais, outro fator atual é a migração dos livros para o ambiente digital, o que resulta no surgimento de muitos outros formatos, tanto os híbridos como os digitais, que vêm evoluindo conforme o tempo e se adaptando às realidades. Agora, se eles conquistarão o futuro ou não, os autores afirmam que, pautados em Hunt (2010), depende da educação, visto que a forma como os livros são tratados nas escolas relaciona-se com o que o mercado editorial produz e comercializa ou não.

Por conseguinte, Kirchof e Souza (2019) comentam sobre os temas, que ao longo da história sempre apresentaram assimetrias quanto às questões abordadas nos livros. Além disso, também apresentavam a opinião dos grupos sociais das diferentes épocas que, por vezes, tentavam censurar algumas temáticas por acharem-nas polêmicas, sem considerar o texto literário como obra de arte que guarda um caráter criativo, que se utiliza de recursos retóricos e figuras de linguagem.

Atualmente, as pautas políticas de esquerda e direita e a polarização de suas opiniões nas redes sociais também são fatores que promovem debates quanto a esses temas. Assim, os autores enfatizam que as obras de literatura infantojuvenil não são neutras ou superficiais, mas são atravessadas por disputas de poder e por questões que abarcam a regulação social. Isso se dá por causa da concepção de infância e juventude que também varia conforme o tempo e que, inúmeras vezes, viu

na literatura uma forma de repassar valores moralizantes e pedagógicos. Dessarte, os autores afirmam que essas questões ditas polêmicas precisam ser debatidas em sala de aula, sendo mediadas por docentes preparados e por materiais literários que auxiliam nas discussões, a fim de que professores e alunos possam desfrutar dos momentos de leitura de obras literárias com a consciência de que são essenciais na formação dos leitores e para uma educação de qualidade.

De acordo com Baccon e Haetinger (2020), no artigo *A representação da literatura escrita por mulheres no prêmio Jabuti*, no período entre 2000 a 2017 apenas 17% das obras literárias que foram contempladas no Prêmio Jabuti, na categoria romance, são de autoria feminina. Portanto, embasadas nas teorias de Beauvoir (1970; 1967), Bosi (2000), Dalcastagnè (2005), Ribeiro (2017), Tofanelo (2015) e Zolin (2009), as autoras levantam análises e dados para afirmar que, apesar do atual empoderamento feminino, os homens continuam assumindo a maioria dos lugares de destaque na literatura.

As autoras apresentam um panorama histórico acerca de como se deu a entrada da mulher no mercado literário, sua busca por reconhecimento e a legitimação de suas obras. Até alguns séculos atrás, as mulheres utilizavam pseudônimos masculinos em suas obras, visto que esta função não era destinada a elas. Uma prova disso é que até as obras que apresentavam as perspectivas femininas eram escritas por homens. Com o tempo e com a luta, as mulheres começaram a ganhar voz, mas essa luta ainda continua e as mulheres seguem escrevendo, uma vez que não colocam apenas palavras no papel, mas também sua voz reprimida por séculos.

Isso posto, Baccon e Haetinger (2020) registram, a partir da análise dos dados, que, diferentemente dos autores homens que em sua maioria não tinham tantas publicações e titulação, as mulheres vencedoras desse prêmio traçaram uma carreira e garantiram muitas publicações antes de serem premiadas. Portanto, Baccon e Haetinger (2020), sem desmerecer as obras dos vencedores de autoria masculina, sinalizam que há uma diferença e que o gênero ainda parece ser relevante no mercado literário.

Os artigos mencionados apresentam propostas que se relacionam, visto que abordam questões que se voltam para os prêmios literários, em especial para o Prêmio Jabuti e para a literatura juvenil na atualidade. Nesse sentido, Porto e Picolotto (2018), Baccon e Haetinger (2020) e Duarte, Segabinazi e Santos (2018) debatem sobre questões concernentes ao Prêmio Jabuti como instituição legitimadora de obras literárias, porém os artigos se diferenciam quanto a direção que seguem, não voltando-se especificamente para a literatura juvenil. Um deles chega a tratar das obras direcionadas ao público juvenil, mas delimita o estudo ao gênero romance juvenil, já os outros dois tratam do perfil dos autores na categoria romance e da representação da literatura escrita por mulheres no prêmio Jabuti.

Apesar de Zilberman (2017) não versar sobre a literatura juvenil nem especificamente sobre o Prêmio Jabuti, ela trata acerca do romance brasileiro conforme os prêmios literários, colocando hora ou outra o prêmio escolhido nesta pesquisa em evidência ao traçar o perfil dos autores e das obras premiadas também nessa instância. Battisti e Porto (2016) e Kirchof e Souza (2019) comentam em seus artigos, de maneira mais geral, acerca da Literatura destinada ao público infantil e juvenil da atualidade, mas enquanto Kirchof e Souza (2019) focam em discussões mais atuais acerca das obras literárias e sua relação com o mercado editorial, Battisti e Porto (2016) apontam um panorama histórico dessa literatura em relação à literatura dita adulta. Para ambos e também para Duarte, Segabinazi e Santos (2018), a concepção de adolescência e o atravessamento por disputas de poder nessas obras refletem na forma como as obras literárias destinadas a esse público juvenil se constituíram ao longo do tempo. Por fim, Pereira e Seffner (2019) ocupam-se em debater acerca da literatura infantojuvenil nas escolas, evidenciando em seus estudos o uso de temas indigestos na formação de leitores, mediados pelas obras literárias.

Por meio da leitura dos artigos, pode-se retirar contribuições importantíssimas para a presente pesquisa de cada um dos trabalhos acadêmicos apresentados acima. Battisti e Porto (2016) ajudam na compreensão geral da constituição da literatura dita juvenil e de como por muitos anos o mercado tentou impor sobre essas obras propósitos pedagogizantes, a fim de utilizá-las no ambiente escolar, espaço que deveria ser destinado ao acesso de obras literárias de valor estético. O texto de

Zilberman (2017) fornece subsídios para se pensar sobre como os prêmios literários podem ser grandes medidores do estado da literatura de seu tempo ao premiar determinadas obras e outras não, sendo relevantes, uma vez que comunicam a respeito de obras de alto valor estético. A pesquisa de Duarte, Segabinazi e Santos (2018) levanta discussões acerca das obras disponíveis no mercado que são chanceladas pelo prêmio Jabuti, com o objetivo de divulgar as obras juvenis no gênero romance que se destacam pela qualidade estética e que fogem da apresentação de normas de conduta e ideias pedagogizantes. Já o artigo de Porto e Picolotto (2018) auxilia no levantamento de dados relativos ao perfil dos autores premiados na categoria romance do prêmio Jabuti, a fim de refletir sobre quem são os autores e quais as repercussões disso nas obras premiadas pelo prêmio Jabuti.

A partir dos estudos de Pereira e Seffner (2019), tem-se um maior esclarecimento sobre a importância do uso de temas indigestos, porém necessários à formação leitora do público juvenil, uma vez que são temas que perpassam o cotidiano deles e são inerentes à complexidade humana. As análises feitas por Kirchof e Souza (2019) contribuem para a observação tanto sobre as inovações que obras de literatura infantojuvenis têm tido ultimamente quanto para os desafios enfrentados ainda hoje em relação à censura, regulação social e tentativa de repassar valores moralizantes por meio delas aos jovens e crianças. Por último, a investigação de Baccon e Haetinger (2020) contribuiu para as discussões no que concerne à atuação da mulher no prêmio Jabuti, uma vez que premiar obras escritas por mulheres significa dar visibilidade às vozes que por muito tempo foram silenciadas e reprimidas.

Isso posto, é importante mencionar que no recorte temporal estabelecido nas pesquisas para o auxílio na estruturação desta revisão de literatura não se pode encontrar, ainda, trabalhos acadêmicos voltados com o mesmo propósito desta pesquisa, nem que se ocupem de analisar o repertório de obras que aqui são apresentadas. Evidencia-se, ainda, que não há artigos acadêmicos que respondam à questão que se faz neste estudo: qual o perfil estético dos livros juvenis chancelados pelo prêmio Jabuti nos anos de 2015 a 2020?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em sua obra *Iniciação à literatura brasileira*, Candido (1999) tece reflexões históricas sobre os períodos literários do Brasil e discorre sobre como se configurou o sistema literário no país. Para o crítico, ao contrário do que aconteceu com a literatura dos países do Ocidente, que foram se constituindo lentamente, a literatura brasileira, como a de outros países do Novo Mundo que foram colonizados, resultou de um processo de imposição de leis e costumes da metrópole. Assim, segundo o pesquisador, a literatura não “nasceu” aqui, ela foi transportada de fora para cá e ajustou-se à medida que a sociedade brasileira se constituía social e culturalmente.

Sobre a constituição dessa literatura brasileira, Candido (1999) reconhece três momentos relevantes: a época das manifestações literárias, que se entende do século XVI à metade do século XVIII; o período de configuração do sistema literário, que vai do século XVIII até a segunda metade do século XIX; e, a fase de consolidação do sistema literário, da segunda metade do século XIX até o presente. Para o estudioso, nesse primeiro momento de manifestações literárias, pode-se pensar duas conjunturas de formação da literatura no Brasil. A primeira teve relação com o olhar com o qual os que chegavam aqui tiveram sobre a nova realidade e a oportunidade de se utilizar dela temáticas divergentes das que a metrópole se apoiava; a segunda diz respeito à urgência em lidar, de maneira distinta, com as formas, ou melhor, com os mesmos gêneros, mas ajustando-os tanto às demandas locais quanto a maneira de demonstrarem suas expressões (CANDIDO, 1999).

Dando continuidade, no segundo momento, conceituado por Candido (1999) como o período de configuração do sistema literário, já se podia falar sobre um esboço de uma literatura configurada, porque começou-se a ter a consciência de grupo por parte dos intelectuais, o reconhecimento que começou a existir de um passado literário local e o começo de maior receptividade por parte de públicos, que embora débeis e pouco numerosos, começam a definir uma articulação dos fatos literários. Esta foi a importância decisiva do século XVIII, cuja base é o movimento das Academias e cujo coroamento será a plena consciência de autonomia no século XIX (CANDIDO, 1999, p. 28).

Por conseguinte, a partir do século XIX, com a vinda da Família real para o Brasil e, mais tarde, com a modernização do Rio de Janeiro e as campanhas abolicionistas, o progresso foi ainda maior. A imprensa ganhou amplitude, os estudos literários foram desenvolvidos; um público relativamente denso começou a existir; casas editoras já imprimiam livros no Brasil, e “havia inclusive um começo de amadurecimento na consciência crítica, que passara do nacionalismo indiscriminado [...] para as tentativas de correlacionar a produção literária com a sociedade” (CANDIDO, 1999, p. 46). Tudo isso propiciou um espaço para que as obras literárias circulassem e para que o Brasil tivesse destaque.

Para Candido (2000), algo decisivo para que o sistema literário seja consolidado é a continuidade literária, ou seja, a transmissão de uma tradição efetivamente brasileira. Nesse sentido, o crítico versa que se pode considerar, a partir desse tempo, como configurado e amadurecido o sistema literário nacional, visto que o Brasil já não constava mais de produções isoladas, mas sim de uma atividade realizada regularmente por escritores, os quais eram difundidos através de veículos. Isto é, já podiam ser reconhecidos como ponto de referência de uma tradição local.

Dessarte, segundo Candido (2000), a Literatura é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que possibilitam o reconhecimento de elementos dominantes em uma fase. Estes elementos são, para além das características internas (imagens, temas e língua), de ordem psíquica e social, que se apresentam historicamente e constituem a literatura como aspecto inerente da civilização. Dentre eles, há a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem o quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 2000, p. 23).

Tais denominadores unidos configuram um tipo de comunicação entre os humanos, a literatura, considerada sistema simbólico, que transparece e transforma as arbitrariedades mais profundas dos indivíduos em elementos de contato entre eles e de representação das mais diversas esferas da sociedade.

Nesse sentido, para Candido (2000), quando os escritores de uma época se integram, verifica-se a formação da continuidade literária, “espécie de transmissão da tocha entre corredores, que asseguram no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo” (CANDIDO, 2000, p. 24). Esse acontecimento é uma tradição, ou seja, a transmissão de um conjunto de denominadores entre os indivíduos, formando espécies de padrões que atuam no pensamento ou ao comportamento, e aos quais as pessoas se referem, seja para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição, “não há literatura como fenômeno de civilização” (CANDIDO, 2000, p. 24).

Ainda sobre isso, segundo Guerra (2015), atualmente, essa tradição tem sido sustentada, em grande parte, pelo que dá mais lucro, sofrendo interferência da indústria cultural. Assim, ao estudar, nesta monografia, o perfil-estético de obras juvenis canceladas pela crítica literária por meio do Prêmio Jabuti, pode-se verificar que espécie de tradição literária, ou tocha, está sendo transmitida às próximas gerações (se as produções têm sido contínuas ou se há um distanciamento quanto a estética). Além disso, pode-se observar que tipo de experiência literária está sendo destinada aos jovens leitores da atualidade, principalmente na escola, os quais, por muito tempo, tiveram o acesso negado a obras de qualidade estética, porque a eles eram ofertadas obras de cunho moralizante. Portanto, cabe aqui explicar o que é a crítica literária e sua importância como avaliadora das produções atuais para o sistema literário brasileiro e para o público juvenil.

Isso posto, a crítica, em seu sentido mais amplo, está ligada à arte de julgar, avaliar, apreciar. Assim, a prática da crítica literária conta com diversos aspectos, desacordos, contradições, com zonas de conflitos existentes dentro de si mesma. Isto porque, como crítica, ela também aponta e contém em si críticas, possibilidades, atividades totalmente vitais, atividades imbuídas em crise (DURÃO, 2016). Crises que proporcionam o exercício da crítica e da análise, crises que oportunizam olhares mais atentos, e não neutros, sobre seu objeto: o texto.

Por meio da crítica literária, diversas manifestações artísticas contribuíram, com o passar do tempo, para a formação de nosso ideal de nação, para a constituição de nosso sistema literário, na construção do conceito de cultura e na transformação do

conceito de literatura que encontramos atualmente, o que demonstra seu grande potencial (DURÃO, 2016).

Além disso, a crítica literária guarda grande ligação com a função social, apontando para verdades sociais muito amplas, uma vez que está inerentemente ligada ao ser humano e que tem a fundamental noção de que ela mesma pode e deve ser criticada (DURÃO, 2016). Isto é, a crítica abre espaço para debates e pode ser tão diversa quanto o ambiente social no qual se mostrar efetiva (DURÃO, 2016).

Além disso, Wellek e Warren (2003) afirmam que todo crítico que se contente em abdicar das relações históricas em suas análises corre o risco de não ultrapassar pronunciamentos do “gosto” e “não gosto”, de se perder em seus julgamentos e também, como os autores acrescentam, de “fazer adivinhações desleixadas”. Daí a urgente necessidade do crítico se apoiar em algum sistema de conceitos e ter pontos de referência para sua crítica.

Por outro lado, Coelho (2000) afirma que, por ainda haver certa carência de uma crítica literária que seja organizada, que tenha seu espaço e que sirva de orientação metodológica àqueles que lidam com essa área, muitos estudos advindos de profissionais de outras áreas têm se passado por análises literárias, quando, na verdade, fazem tão somente denúncias de caráter sócio-político-econômico sem a valorização propriamente dos valores estético-literários.

Tais denúncias, por mais que sejam úteis a certos públicos, podem induzir algumas pessoas a tomá-las como única maneira correta para a leitura e análise da literatura. Assim, a autora afirma que quando vinculada de maneira absoluta aos problemas de ordem social, econômica, étnica e política, a literatura infantil e juvenil deixa de sinalizar suas propriedades de literariedade “para ser tratada como único meio de transmitir valores. Ou é lida exclusivamente em função de seus estereótipos sociais” (COELHO, 2000, p. 58).

Ademais, com o capitalismo, através da indústria cultural, que tem dominado e estabelecido sua supremacia, o papel da crítica tem sido um tanto sufocado, atualmente, levando-a a um espaço de relevância reduzida (DURÃO, 2016). Com

isso, há também a redução do espaço concedido à arte/literatura e, ainda, como afirma Durão (2016, p. 114), “o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer”, transformando a crítica em mera propaganda das obras.

Portanto, Souza (2011, p. 36) acrescenta que

[...] numa época como a nossa, que levou à desarticulação de valores – e não só artísticos, naturalmente – a extremos sem precedentes, talvez nunca se tenha precisado tanto de crítica. Não, é claro, da crítica como sensacionalização de banalidades, [...]. Tampouco de uma crítica acadêmica dada à absolutização dos seus axiomas [...]. Menos ainda – por sua tática de substituir a reflexão por um apelo fácil ao sentimento de repúdio às injustiças [...]. Em vez disso, precisamos de uma crítica fundamentada numa teoria consistente, prevenida contra a transformação de dados em axiomas, e que seja capaz de integrar compromisso com o presente e reflexão do passado.

Em suma, Durão (2016) defende que a crítica literária precisa estar diretamente engajada com o seu objeto de estudo, o que não significa que ela esteja alheia a todo restante. Precisa também continuar a emitir valor, uma vez que recusar-se a isso significa defender a ausência de valores e, por fim, a crítica precisa sempre ter como instrumento a leitura sensível aliada ao conhecimento técnico e a uma imaginação advinda de uma experiência estética da obra, para que, assim, por meio da crítica literária a arte ganhe cada vez mais espaço.

3 METODOLOGIA

A monografia *A literatura juvenil e o prêmio jabuti (2015-2016): crítica literária e formação estética* foi dividida em alguns momentos. O primeiro deles contou com a definição da temática e da pergunta-problema para, em seguida, haver um estudo acerca dos livros juvenis premiados pela Câmara Brasileira do Livro - Prêmio Jabuti nos anos de 2015 e 2016. Posteriormente, houve a aquisição e a leitura de tais livros para que pudessem ser analisados. Feito isso, começou-se um levantamento bibliográfico de textos que contribuem e/ou se aproximam do propósito dessa pesquisa, o fichamento de cada um deles e a produção da revisão de literatura.

Diante disso, iniciou-se a produção do anteprojeto e, logo depois, a realização da versão final. Assim, para responder a problematização que se faz aqui, esta pesquisa partiu para a leitura minuciosa e para o estudo aprofundado do corpus que aqui é composto pelo referencial teórico e pelas obras literárias.

Isto exposto, a presente pesquisa é constituída por uma análise de natureza básica, visto que não prevê aplicação prática; abordagem qualitativa, uma vez que é descritiva e não se traduz em dados numéricos ou estatísticos; com o objetivo explicativo, sendo que identifica elementos que contribuem e/ou determinam alguns acontecimentos, explicando o porquê deles; e, o procedimento bibliográfico-documental, porque esta é uma pesquisa que pauta-se em materiais já publicados, que corroboram para a análise dos livros premiados, considerados como materiais sem tratamento analítico, isto é, materiais que ainda não foram estudados e explorados de acordo com a proposta feita por esta monografia.

4 ANÁLISE DE CORPUS

4.1 A LINHA NEGRA

O livro *A linha negra*, do roteirista e escritor Mário Teixeira, foi publicado pela primeira vez pela editora Scipione, em São Paulo, no ano de 2014. Ganhador do Prêmio Jabuti 2015 na categoria Juvenil, a obra, cujo gênero é a novela, conta com as ilustrações de Allan Alex e contém 200 páginas. Todo o livro é dividido em duas partes, abordando a vida de Casimiro antes e depois de ir para a linha negra.

A linha negra retrata a história de Casimiro, um jovem que tem a sua vida completamente modificada ao ser enviado pelo pai, aparentemente sem motivo algum, para lutar na Guerra do Paraguai. O garoto, sendo o sétimo filho homem do Comendador Benato Neves, de Salvador, e pertencendo a uma família que obtinha muitas terras e escravos, não era obrigado a servir, porém a mando de seu pai é enviado como voluntário.

Em sua trajetória até chegar no acampamento em Montevideu e lá se instalar, Casimiro já começa a descobrir uma realidade bem diferente da que tinha em Salvador. O garoto, de apenas 16 anos, precisa aprender a lidar com pessoas de diferentes classes e etnias servindo ao seu lado, o que lhe proporciona construir grandes laços de amizade; com o horror da guerra e a selvageria dos homens; com a falta de comida e de ordem no acampamento; e com as muitas doenças que matavam muito mais do que as armas.

É nesse período, também, que, em dias de luas cheias, Casimiro perde a consciência no meio de muitos combates e acorda com várias marcas em seu corpo, descobrindo sua verdadeira natureza e o porquê de estar ali: ele transformava-se em lobisomem e por isso havia sido negado pelo seu pai e afastado de sua família.

Além disso, o jovem precisa aprender a lidar com seus próprios sentimentos depois de conhecer e se apaixonar por Francisca, a mulher mais procurada e preferida do ditador do Paraguai. No entanto, mesmo nutrindo tamanha paixão por ela e vivendo um romance às escondidas, o jovem não consegue passar tanto tempo perto de sua

amada, porque logo é enviado para servir na trincheira mais perigosa: a linha negra. O que torna sua jornada ainda mais perigosa e cheia de experiências nunca imaginadas.

Dito isto, é importante ressaltar algumas informações que vão para além do conteúdo interno desta obra. É cômico que todo livro além de conter um conteúdo composto por palavras, também pode conter ideias e significações que são transmitidas a partir da capa. Isto porque, a capa de um livro é, muitas vezes, a primeira coisa que o leitor lê, que pode, primeiramente, gerar sentimentos, perguntas, reflexões no leitor que será convidado a encontrar as respostas de seus anseios dentro do livro.

Além disso, as ilustrações, as escolhas das cores e da fonte e a disposição e formatação de cada elemento são todos componentes relevantes na constituição da obra e do que ela deseja comunicar. Questões extra-literárias que, atualmente, a crítica tem se interessado à medida em que podem contribuir com o estudo dos processos literários. Isto porque as obras literárias são realidades autônomas, ou seja, a importância delas nunca se dá ao exprimirem um aspecto da realidade, seja social ou individual, mas na maneira que o fazem (CANDIDO, 2000).

Ademais, para o pesquisador, o trabalho do crítico consiste tanto em analisar o estilo, as fontes, influências, o ritmo da composição, entre outras coisas, quanto na visão que a obra exprime do homem, frente aos diversos temas, por meio dos quais a sociedade se manifesta. Isso em razão de que a literatura não copia a vida, nem cria expressões sem conteúdo, ela inventa uma vida nova, de acordo com a “organização formal, tanto quanto possível nova, que a imaginação imprime ao seu objeto” (CANDIDO, 2000, p. 34).

Por isso, a seguir, apresentar-se-á uma amostra de alguns desses elementos que compõem o livro:

Ilustração 1: Capa do livro *A linha negra*, de Teixeira (2014).

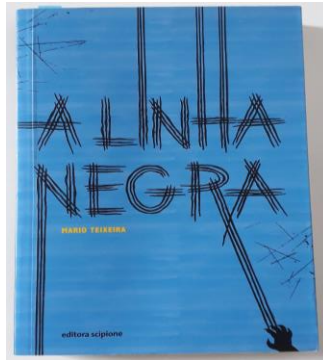


Foto elaborada pela autora.
Fonte: Teixeira (2014)

Quanto a esses elementos paratextuais, o livro *A linha negra* tem a dimensão de 20.2 x 13.4 x 1.8 cm e é feito em brochura. A capa do livro é predominantemente azul e o título é marcado pelas garras de uma fera, apresentando a textura de arranhões e as letras em alto relevo. Além disso, o título do livro *A linha negra* é evidenciado por meio de linhas pretas, representando o duplo sentido da frase, que pode ser visto como uma linha escura ou como o nome da trincheira na qual o personagem é enviado em certo momento do livro. A obra também se utiliza, em seu interior, das mesmas cores da capa, revelando um projeto gráfico que diz respeito a história que vai contar, porque

[...] mais do que páginas impressas, o livro precisa ser compreendido como um objeto que inclui, em sua composição, múltiplos modos ou gêneros de representação, com elementos combinados de impressão, imagens visuais e design (NAVAS, 2020, p. 66).

Navas (2020) ainda acrescenta que a elaboração dos aspectos referentes à materialidade do livro visa à forma e à função, tornando o livro adequado para o seu público alvo. Logo, por meio dessa elaboração consegue-se atrair a atenção do leitor para a interação com o livro, além de transmitir parte da personalidade da obra e instigar os leitores a desvendar o que há ali.

Assim, pensando na obra que aqui está sendo analisada, alguns capítulos contam também com ilustrações, imagens que se relacionam diretamente com as cenas que vão sendo narradas ao longo da história e que geram uma maior identificação dos leitores com o livro. Abaixo, algumas destas imagens.

ILUSTRAÇÃO 2: Ilustrações de Allan Alex, 2014.



Fotos elaboradas pela autora.
Fonte: Teixeira, 2014

No decorrer da leitura, o leitor pode notar que a história é recheada de mistério e suspense, aspectos que também são marcados pelas cores do livro e das ilustrações, que acompanham o universo do suspense, destacando a partir do uso do preto e do branco as contradições entre a guerra e a paz, situações tanto travadas no espaço em que Casimiro se encontra quanto em seu interior, que vive em constante oscilação.

Por conseguinte, tal obra é um romance histórico, gênero literário em prosa que apresenta uma narrativa ficcional ambientada em um momento histórico e com a presença de personalidades do passado. Portanto, explicitar-se-á também alguns elementos importantíssimos na construção da narrativa.

A história inicia-se apresentando, em seu prólogo, o adiantamento de uma cena que acontecerá no futuro, um flashback de Casimiro no campo de batalha. A cena inicial é utilizada para despertar o anseio pela continuação da leitura no leitor, dando-lhe um vislumbre e gerando nele expectativas do que poderá acontecer no decorrer dos capítulos. Em seguida, a história segue com linearidade, apresentando, na primeira parte do livro, Casimiro antes de ir para a Guerra do Paraguai, e na segunda, Casimiro já em território Paraguai.

A *linha negra* retrata uma história que se ambienta, em seu início, na cidade de Salvador, Brasil, em janeiro de 1865 e depois no Paraguai, entre 1865 e 1870, tendo como pano de fundo o embate armado que ocorreu no Paraguai. O tempo e espaço

que a história se passa pode explicar a utilização de um vocabulário específico da época e a linguagem um pouco mais rebuscada que o autor utiliza, porém pode-se observar também que na fala das personagens há uma oscilação entre o uso de uma linguagem culta ou marginalizada a depender de com quem eles estão dialogando, com um capitão ou com um amigo, por exemplo. Além disso, o texto contém um narrador heterodiegético, um observador que só narra os fatos sem interferir neles; e uma narração pautada no discurso livre.

A personagem principal é o brasileiro Casimiro, cujo significado do nome “aquele que prega a paz”, a princípio, parece irônico por se tratar de alguém que carrega a maldição de tornar-se fera, porém, ao longo da história, pode-se perceber que o jovem é de um temperamento apaziguador apesar de estar em uma guerra, de vivenciar tantas experiências desumanas e um conflito consigo mesmo por causa de suas transformações, o lobisomem que tenta dominar e prevalecer sobre ele. No entanto, tal maldição não muda quem ele é: um homem que sente piedade e enxerga os demais também como homens, mesmo os paraguaios com quem lutou, desejando até mesmo dar aos soldados mortos e desconhecidos um enterro digno em vez de deixá-los a céu aberto como se fossem bichos.

Muitos são os personagens que passam pela vida de Casimiro, porém dentre eles destacam-se: Obá, também conhecido como Dom Obá II d'África, filho de Obá I, rei do continente negro, provavelmente um alforriado, que torna-se um grande amigo da personagem principal; Antônio, um vaqueiro magrinho e de pés pequenos, que esconde o segredo de, na verdade, ser uma mulher vestida de soldado e que também teve papel essencial na vida de Casimiro; Francisca, a paraguaia que Casimiro ajuda a resgatar, apaixona-se e vive um romance; Chico Diabo, um homem preconceituoso, presunçoso e que tem várias rinchas com Casimiro e seus amigos, a imagem do machismo, do racismo e da apatia, mas que é também quem ficou conhecido por matar o ditador paraguaio Solano López; e Sir Richard Francis Burton, homem que conta a Casimiro sobre o fenômeno de licantropia, a patologia que o torna lobisomem, e quem está constantemente registrando tudo o que ocorre na Guerra para levar as notícias para seu país de origem.

Como citado anteriormente, Mário Teixeira constrói toda narrativa dialogando com a ficção a eventos reais, mas também pensando em figuras que marcaram a história brasileira na Guerra do Paraguai. O autor inspirou-se, por exemplo, na história real de Jovita Feitosa, uma mulher que vestiu-se de homem e voluntariou-se para participar da Guerra do Paraguai, para construir a personagem de Antônio; em Pancha Garmendia, conhecida na tradição paraguaia como a mulher que participou de um complô contra o presidente paraguaio, para construir a personagem de Francisca; em José Francisco Lacerda, homem que matou Solano López, para construir a personagem de Chico Diabo; em Cândido da Fonseca Galvão, homem negro, neto do rei Abiodun do antigo império de Oyo na África e que se voluntariou na Guerra do Paraguai, para construir a personagem de Obá; em Sir Richard Francis Burton, um cônsul inglês que escreveu relatos de viagem sobre a guerra, para construir a personagem que também carrega seu nome; entre outras figuras como a de Solano López, o presidente do Paraguai entre 1862 e 1870.

A obra, sendo de ficção, mostra como os fatos poderiam ser, mas não o que são ou foram visto que diferente da obra histórica, a ficção literária não se mantém fiel aos acontecimentos (MEDEIROS, 2006). Portanto, distinguindo-se da história e até da biografia, a ficção é

[...] produto da imaginação criadora, embora, como toda a arte, suas raízes mergulhem na experiência humana. Mas o que distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade (COUTINHO, Afrânio, 1976, p.30 apud SÉRGIO, Ricardo, 2009)¹.

Em seu texto *Formação da literatura brasileira*, Candido (2000), comenta que a literatura diz respeito às obras literárias, não aos fatores ou autores, porém, no texto há elementos sociais e psíquicos que devem ser levados em conta para que a interpretação das obras seja completa. Dito isto, o autor complementa, ao afirmar que a literatura não invalida esses elementos, porque ao transfigurá-los, ganha pelo conhecimento da realidade que foi utilizada como base para a obra. Assim, se, por

¹ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1612705>

um lado, a compreensão desses fatores não é necessária para a experiência estética, por outro, sem este estudo também não há crítica essencialmente de análise.

Ainda sobre isso, João Adolfo Hansen afirma, em uma aula de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) transmitida pelo Youtube², que apesar de a ficção literária ser histórica, o seu discurso nunca é. O autor continua afirmando que a literatura não se subordina à história, tanto a história como evento quanto a história como discurso dos eventos, mas que ela estabelece relações com o discurso histórico. Isto porque a literatura não representa documentalmente as realidades, mas é uma prática simbólica que transforma essas representações sociais produzindo discursos verossímeis que não se ocupam com a verdade ou falsidade da realidade e sim em produzir discursos intencionais por fingimento.

Corrêa et al. (2019) também afirma sobre isto que, às vezes, a realidade colocada no texto não é só a da vida real, porque através da arte essa realidade é transfigurada, para que se consiga expressar de forma literária a essência do cotidiano. Além disso, através da arte a realidade não é reproduzida de maneira mecânica, como mera cópia documental ou fotográfica, ela, na verdade, explora suas potencialidades, que muitas vezes se encontram escondidas no dia a dia (CORREA, 2019), indo além do que é exposto de maneira crua na vida real.

Assim, cabe aqui ressaltar que ao analisar obras literárias, na tarefa crítica “há, portanto, uma delicada operação, consistente em distinguir o elemento humano anterior à obra e o que, transfigurado pela técnica, representa nela o conteúdo, propriamente dito” (CANDIDO, 2000, p. 34). Importando, assim, segundo o estudioso, o que o texto literário exprime.

Portanto, “o objeto da literatura é o texto literário, como forma mediada e dialética de condensar nas formas estéticas o que está diluído na vida concreta.” (CORRÊA, et al. 2019, p. 30). O que não significa que ela está alheia aos fatores sociais, políticos, econômicos e históricos, porque a ficção literária apropria-se desses elementos

² Disponível em: <https://youtu.be/Bb3VCHIRmdl>

externos, dá a eles uma forma mais adequada e evidencia os problemas, as contradições da vida e “as forças essenciais que põem em movimento nossa vida” (CORRÊA, et al. 2019, p.30).

Fatores sociais, políticos, econômicos e históricos estes que são apresentados na obra de Mario Teixeira quando o livro aborda a questão da escravidão; da guerra; da religião; da desvalorização da mulher; da infância; da fome, entre tantos outros. Evidenciando-os pela literatura, por meio de um trabalho estético com a linguagem, para que possam ser refletidos e analisados de maneira que a obra não seja mera “reprodução fragmentada e com aparência fetichizada do cotidiano, sem apresentar possíveis soluções para que o homem ultrapassasse aquelas situações” (CORRÊA, 2019, p.20).

À vista disso, é essencial evocar à essa exposição algumas dessas questões. Uma delas é a de que por trás da figura de Casimiro, personagem principal, é possível perceber também a presença e a construção bem delineada de personagens femininas com histórias de luta, luta por voz, por seus corpos, por seu futuro e por liberdade, mulheres inspiradas em outras mulheres da vida real. Portanto, a obra literária *A linha negra* também serve como

[...] um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 1995 p.188).

Pensando nisso, dentre as personalidades femininas apresentadas no livro, há aquelas que ainda se veem presas a um sistema que oprime e insiste em colocá-las à margem, eliminando até mesmo os seus direitos como seres humanos, e outras que não se contentando com o menosprezo e a superficialidade da vida que as impuseram, decidem lutar e tomar para si o rumo de suas histórias.

A retratação dessas mulheres é pensada de maneira intencional pelo autor, a fim de evidenciar e revelar a ideologia sexista que vem sendo perpetuada há tempos e a estigmatização de muitas mulheres, para desconstruir essas ideias e, então,

promover a emancipação do leitor, desenvolver a criticidade e um olhar mais sensível à realidade que o cerca.

Portanto, é possível notar como cada uma das personagens, a partir dos papéis assumidos na história, ocupam posições diferentes, mas lutam por algo em comum, mesmo que não explicitamente: a liberdade. Algumas dessas mulheres serão apresentadas no decorrer desta análise.

Conceição, escrava e paixonite do Casimiro pré-guerra, é a primeira mulher que aparece na história. Na cena em que aparece, ela encontra-se encurralada e tentando fugir de Casimiro, que desejava beijá-la e possuir seu corpo. Dadas as condições em que se achava, no fim das contas, ela acaba sendo embalada por ele em troca de uma moeda.

Dona Amorosina, mãe e intercessora de Casimiro, carrega no próprio nome o ideal de mãe e esposa da sociedade da época, o de uma mulher graciosa, sempre amável, preocupada, superprotetora e dedicada estritamente ao lar. A personagem representa as mulheres que não tem voz dentro de suas relações conjugais. Isto porque quando a mulher tentou impedir que o filho fosse para a guerra, foi impedida pelo marido, que deu a última palavra e o envia mesmo assim. Apesar disso, a mulher segue cuidando do filho mesmo de longe. A seguir, um trecho da última carta de Casimiro à mãe, que demonstra isso:

À minha mãe, excelentíssima senhora Benato Neves (dona Amorosina)

Senhora amantíssima, dona do meu coração, luzeiro de minh'alma,

Sei que fizeste, cara mamãe, jejum durante os quatro anos da minha campanha no Paraguai [...]. A campanha, minha mãe, fez-me homem. Não me tornei uma besta-fera, graças ao teu amor e ao amor da mulher que conheci e aprendi a amar [...]. Desapareço por amor a ti. Comigo vão-se as aflições de meu pai [...].

Teu filho,

Casimiro (TEIXEIRA, 2015, p. 182).

Outra personagem que chama a atenção, mesmo sem dizer uma palavra sequer ao longo da história, é uma paraguainha de apenas 12 anos que é vendida por sua

família em troca do dinheiro. Chico Diabo é quem a compra e decide vendê-la ao soldado que pagar mais, o que evidencia o valor dado ao corpo infantil e feminino. Mediante a essa situação, Casimiro e seu amigo Antônio decidem confrontar o homem em prol da vida da menina, o que resulta em uma briga e em uma jura de morte.

Outro exemplo que vale destaque é o de Antônio, que na verdade é Antônia, uma mulher que se veste de homem para participar da Guerra do Paraguai, uma vez que ser mulher significava não ser aceita pela sociedade da época naquele espaço e em uma posição que era destinada apenas aos de sexo masculino. De acordo com Carvalho (2018), muitos registros sobre a Guerra do Paraguai mostram que houveram mulheres participando lado a lado com soldados. No entanto, apesar de algumas terem seus nomes reconhecidos, a maioria permaneceu silenciada e no anonimato. Isto porque, reconhecê-las como combatentes seria o mesmo que legitimar suas participações na guerra em igualdade com os homens.

Atualmente, vê-se que alguns já são os espaços, as posições e os direitos conquistados pelas mulheres. Hoje, a mulher já pode se alistar no exército, por exemplo, porém, faz-se mister que a luta continue, uma vez que muitos direitos ainda precisam ser conquistados e muitos dos que elas já obtêm precisam ser assegurados.

Outras personagens que aparecem durante a história, mas que são apenas citadas, passando praticamente despercebidas, são as vivandeiras. Estas eram mulheres que acompanhavam as tropas durante suas missões. Vivandeiras eram mulheres desapropriadas de seus corpos, com a existência destinada a servir aos soldados e à nação, sendo referenciadas como damas não respeitáveis e de sexualidade disponível. Eram vistas com sentido desclassificatório, de acordo com a valoração da ordem patriarcal (CARVALHO, 2015). Mulheres apropriadas pelo poderio masculino, único espaço autorizado para elas na guerra, em que a violência sexual era materializada em uma relação desigual.

Além disso, as vivandeiras obtinham funções enquanto estavam com as tropas, cuidavam da comida, das roupas, atendiam os doentes e os feridos, e até

participavam de combates mesmo não sendo incorporadas oficialmente como combatentes, tratando-se de presenças silenciadas sob a divisão sexista dos papéis sociais e não registradas pela maioria dos memorialistas e historiadores (CARVALHO, 2015).

A casa de mulheres é outro exemplo que vale ser mencionado. Em certo momento da história, Casimiro é chamado por alguns soldados para se “divertir e aproveitar a noite”, assim eles saem e encontram a casa das mulheres. Ao contrário dos outros, ele decide esperar do lado de fora enquanto os homens escolhem mulheres para passarem a noite. No entanto, o que eles não esperavam é que aquelas mulheres paraguaias eram exploradas por La Bamba, uma mulher que estava a serviço do governo, e que usava os corpos de outras mulheres, algumas ainda crianças, como atrativo para os soldados inimigos. Logo, ocorre um combate entre os soldados desarmados e as mulheres acabam sendo mortas.

É nessa casa de mulheres que os soldados encontram Francisca Garmendia, paraguaia procurada pelo ditador Solano López, resgatam-a e levam-a para o acampamento. Sendo considerada uma dama respeitável, Francisca é tratada da melhor maneira pelos homens que a cercam, diferentemente do tratamento que davam às vivandeiras que os seguiam. Francisca Garmendia conta a eles que foi deixada sob os cuidados de La Bamba, na casa das mulheres, após sua comitiva ser chacinada. Garmendia era a favorita do ditador, mas por não querer se entregar a ele, a mulher viu as terras de seu pai serem retiradas dele, viu a execução de seus irmãos, a morte da mãe por desgosto, foi acusada de espionagem e condenada à morte. Isto tudo porque López não havia conseguido o que queria, seu corpo.

Sobre esta dominação do corpo feminino que pode ser notada na história de alguma dessas mulheres, Federici (2017) afirma que a discriminação contra as mulheres de nossa sociedade advém da formação do capitalismo. Isto porque, tentando formar um novo tipo de indivíduo, um indivíduo para o trabalho, a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo, “construída sobre diferenças sexuais existentes e reconstruída para cumprir novas funções sociais” (FEDERICI, 2017, p. 11).

Bourdieu (2010), no livro *A dominação masculina*, também comenta que a ordem social tende a ratificar essa dominação a partir da divisão social do trabalho, que atribuiu atividades bem estritas a cada um dos sexos, funcionando tão bem que hoje dispensa justificção e discursos que legitimam esse poder.

Além disso, essa divisão também é utilizada, diversas vezes, para legitimar os papéis e as funções e alguns comportamentos, como o de que as mulheres precisam ser doces, submissas, frágeis (entre tantos outros estereótipos da mulher perfeita), o de que elas não podem estar em alguns espaços e o de os homens podem ser mais brutos e violentos (porque isso seria másculo), líderes e corajosos.

Portanto, por meio da construção e da presença dessas personalidades femininas, a obra, segundo Alvarez (2014), dá visibilidade a essas contradições tornando-as visíveis em vez de camuflá-las ou anulá-las, visto que as contradições apresentadas na obra podem provocar reflexões críticas nos leitores e o fortalecimento e revitalização dos movimentos das mulheres frente à dominação de seus corpos reafirmada nas estruturas sociais do capitalismo.

Dando prosseguimento, além de trabalhar esteticamente com a linguagem para abordar questões que são extremamente urgentes a serem debatidas, *A linha negra* também trabalha com outra intertextualidade, trazendo em seu enredo a lenda do lobisomem, que faz parte do folclore brasileiro. Assim, o que se vê é que na obra há a valorização de parte da cultura e da identidade brasileira, algo que tem sido perdido há um tempo no Brasil, mas que *A linha negra* resgata a partir da apropriação dessa produção da cultura popular e da submissão desta à uma forma e organização guiadas pela estética, uma vez que, segundo Candido (1995), “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere”. Isto é, para o autor a organização da palavra comunica-se conosco, nos ajuda a nos organizar, nos humaniza; e, em seguida, nos auxilia na organização do mundo.

Sobre a lenda utilizada na obra, Medeiros (2006) afirma que muitas lendas e mitos encontrados no solo brasileiro são heranças dos colonizadores. No entanto, ela diz que foram muitos os elementos adicionados ou modificados, visto que os primeiros

habitantes do Brasil já tinham suas próprias lendas. Portanto, com a lenda do lobisomem não foi diferente, hoje ela apresenta diversas variações regionais.

A variação escolhida por Mario Teixeira foi a que todo sétimo filho homem vindo de uma sucessão de irmãos homens é amaldiçoado no momento em que entra na puberdade. Essa maldição, segundo Medeiros (2006), pode ser compreendida no folclore pelo termo licantropia, que é a maldição que recai sobre um homem fazendo com que este sofra uma metamorfose que não pode ser controlada.

A escolha desta variação pode ser confirmada através de um diálogo que os pais de Casimiro têm após o flagrarem com Conceição, uma escrava.

- O meu neném! Engalfinhado com uma negra, feito um bicho! Perdão! Ah... o que estou a dizer?

- São atos naturais, mulher! Bem sabes que temos outras coisas com que nos preocupar! Bem sabes!

[...]

- Casimiro é homem feito agora. E bem sabes que precisamos tomar uma atitude drástica. Em breve ele não poderá se conter.

- Meu neném - choramingou a pobre mulher.

[...]

- Quem quis mais um filho foi a senhora. Queria porque queria ter uma menina!

A mulher chorou mais alto.

- Para me fazer companhia!

- O mal está feito. Só cabe a nós tomarmos a única atitude sensata. Mais do que isso, uma atitude cristã.

Dona Amorosina deixou-se escorregar na poltrona de damasco vermelho.

- Meu filho caçula!

- Basta, mulher! Basta! Estavas ciente de tudo! Nós não podíamos ter brincado assim com a sorte! Agora o mal está feito. - acrescentou. - O sétimo filho varão.

- O que pensas em fazer?

- Há uma guerra nas fronteiras (TEIXEIRA, 2015, p.17 e 18).

A cena acima é uma das primeiras apresentadas pelo livro. No decorrer da história, Casimiro parte para a Guerra do Paraguai e lá serve como soldado para, segundo o seu pai, morrer como homem. No campo, por diversas vezes, Casimiro tenta relacionar-se com sua família por meio de cartas, principalmente com sua mãe, mas nunca tem o retorno deles, que o enviaram para lutar já o considerando morto.

No entanto, apesar de todas as circunstâncias em que o jovem esteve e as experiências que viveu, Casimiro sobrevive, permanecendo são, vivo e homem em vez de besta-fera por causa do amor de sua mãe, dona Amorosina e pelo amor de Francisca.

“Tal como ocorre a todo texto com ambições artísticas, o compromisso maior de uma obra destinada à infância é, antes de mais nada, com o sucesso estético e, conseqüentemente, com a arte” (ZILBERMAN, 1985, p. 99). Dito isto, percebe-se que a obra *A linha negra* tanto tem esse compromisso com a arte que apresenta um perfil estético-literário exímio, sendo um texto literário por revelar sua dimensão mais viva, sobretudo, estética, visto que sem isso todas as dimensões apresentadas nele, seja social, histórica ou biográfica, seriam reduzidas a nada (CORRÊA et al., 2019).

Nesse sentido, como obra literária de alta qualidade, *A linha negra* faz parte das produções do sistema literário que representam fator intrínseco de humanização e de emancipação (CANDIDO, 1995), uma vez que torna os indivíduos leitores críticos e aguça a percepção sensível sobre o mundo por meio dos valores estéticos compreendidos no decorrer de toda a obra.

Por fim, ao tratar-se de um livro chancelado tanto por uma das maiores premiações brasileiras, Prêmio Jabuti, quanto pela crítica literária, percebe-se que a obra tem um grande trabalho estético e aponta para verdades sociais bem amplas, que estão inerentemente voltadas para as questões do ser humano (DURÃO, 2016). E ainda, a partir da crítica, é uma obra que permite um maior espaço de debates acerca do que trata em seu conteúdo. Além disso, como a obra literária, aqui analisada, apresenta tantas temáticas e uma forma criativa de apresentá-las, percebe-se que destina aos jovens leitores uma experiência estética, a partir da leitura, altamente enriquecedora.

4.2 O LABATRUZ E OUTRAS DESVENTURAS

O livro *O labatruz e outras desventuras*, de Judith Nogueira, foi vencedor do 58º Prêmio Jabuti (em 2016) na categoria juvenil. A obra, publicada em 2015, em São Paulo, pela editora Quatro Cantos tem 120 páginas, sendo dividida em três partes. A primeira parte conta com a fábula *O labatruz* e a segunda e a terceira com os contos *O construtor de navios* e *O homem que fazia luz*, respectivamente.

A obra traz em seu título uma prévia do que será abordado em todas as histórias, visto que o conceito de desventuras remete ao substantivo Infortúnio e também à falta de sorte e desgraça. Isto porque cada história apresenta um tipo de lástima, sendo diferentes dos contos de fadas atuais, fabricados pela The Walt Disney Company³ por exemplo, que sempre terminam com um final feliz, algo que não é encontrado nesse livro, e outras produções da indústria cultural que não elevam o nível de formação estético-cultural do público, “uma vez que seu objetivo é massificar os aspectos danificados, tanto da cultura “popular” como da cultura “erudita” (LOUREIRO et al., 2020, p. 13).

Na primeira parte, a fábula *O labatruz* apresenta a história de um animal cuja espécie não é mencionada durante todo o enredo. Labatruz, nome que ele dá a si mesmo para que consiga se apresentar aos outros animais, é ao mesmo tempo narrador e personagem principal. O animalzinho não sabe nada sobre sua origem, seu propósito, seus iguais e sua função na natureza, por isso decide escrever sobre sua vida, afirmando ser esta uma boa maneira de deixar uma lembrança de que sua espécie existiu um dia, visto que as palavras sobrevivem mesmo quando as gerações se findam. Há nesse conto o levante de muitas temáticas que há séculos o homem, desde os mais antigos filósofos, tentam responder acerca da vida.

A única coisa que a personagem sabe está ligada à lembrança da morte dos pais, quando foi deixado sozinho no mundo ainda bem pequeno, e encontrado por uma alcateia, os quais o criam. No entanto, ao crescer, Labatruz começa a ter o anseio

³ Companhia multinacional estadunidense de mídia de massa sediada no *Walt Disney Studios*, em Burbank, Califórnia.

de amar alguém e ter filhos de sua própria espécie, depois de reparar como era diferente dos lobos. Assim, mesmo recebendo todo acolhimento por parte deles, o animalzinho decide viajar pelo mundo, à procura de seus semelhantes, em uma aventura de autodescoberta, o que faz o leitor imaginar que ele conseguirá encontrar um par e outros animais de sua espécie, porém tudo o que ele encontra é solidão.

O final da fábula surpreende por não conter um final feliz, mas por apresentar uma outra possibilidade que se assemelha bastante ao que, de fato, acontece em muitas realidades, o que gera identificação e reflexão em muitos leitores. Bastos (2003) diz, pautada nos estudos de Norman Holland, que a leitura de obras literárias são processos psicológicos de transformação, porque por meio da identificação com os personagens da história o leitor

projeta suas emoções e fantasias mais obscuras na personagem e as revive intensa e profundamente, pois tem a segurança de que aquilo não é real, é apenas uma história. Esse processo se estabelece porque a obra de arte literária convida o leitor a assistir a uma experiência que não é sua e vivê-la. A ilusão permite que o sujeito não aja, não se torne ativo, e é exatamente a inatividade motora que o leva a regredir psiquicamente, como nos sonhos e deixar livre suas emoções e fantasias (BASTOS, 2003, p. 55).

Além disso, segundo Corrêa et al. (2019) a literatura nem sempre traz conforto, não podendo ser concebida como deleite e divertimento apenas, além de não ter uma utilidade propriamente prática, mas que demonstre as contradições da sociedade, auxiliando na reflexão sobre a relação de cada indivíduo consigo mesmo e com essa sociedade. Sobre isso, pautada nos estudos de Ernst Kris sobre a recepção literária, Bastos (2003) ainda acrescenta que

A proteção da ilusão estética, a segurança que ela proporciona ao indivíduo é que faz Kris explicar a situação complexa que é o prazer do desagradável na arte, especialmente a comoção do leitor ao ler e reler as tragédias. A ilusão, nesse sentido, protege o leitor do perigo ficcional, mesmo que seja idêntica à vida do sujeito. Kris acredita, como Aristóteles, que a arte tem uma função catártica, já que descarrega as tensões inconscientes e purga a alma do leitor, estimulando o aparecimento de emoções que se hesitariam viver, uma vez que retratam os próprios conflitos pessoais (BASTOS, 2003, p. 55).

Agora, pensando no gênero em que essa narrativa se ampara, Portella (1983) afirma que a fábula foi o meio encontrado para proclamar a verdade sem que os indivíduos se sintam diretamente atingidos por ela e conseqüentemente a rejeitem. Para o

autor, cada palavra utilizada na construção das fábulas, seja por meio de linguagem figurada ou imagens, nunca é feita de modo a cair no vazio, pelo contrário, “porque a fábula deve relacionar-se com a vida, porque ela deve executar a verossimilhança entre a vida e a realidade, também será real, plástica, objetiva” (PORTELLA, 1983, p.131).

Dando prosseguimento, a segunda parte do livro apresenta o conto *O construtor de navios*, que pode ser considerado um conto fantástico, e que é contado por um narrador onisciente. O personagem principal é um garotinho apaixonado por navios. O garoto, com o passar do tempo, se aprimora na arte de construir embarcações e transforma-se em um homem muito influente, poderoso e o melhor desse ramo. Já feito homem, encontra o amor de uma mulher, se casa, têm filhos, mas sempre os deixa em segundo plano para que possa realizar o sonho de construir grandes navios.

Apesar de ter tudo, o homem sempre sentia que ainda lhe faltava algo, tendo o anseio de deixar algo para o mundo, mas sem saber o que poderia fazer. O homem chegou a tentar passar sua paixão para os filhos, como forma de ver a continuidade de seu trabalho, mas nenhum deles teve o menor gosto pelas embarcações. Assim, ele começa a se afastar ainda mais de tudo para dedicar-se a construir um navio, porém não qualquer navio, mas um que não precisasse de combustível para se locomover ou que dependesse dos ventos, um navio que tivesse alma.

Depois de construído, o homem segue procurando pelo elemento que faria seu navio funcionar, mas acaba falecendo sem nunca ter visto seu navio nas águas. No dia do sepultamento, a família cumpre seu último desejo de colocá-lo dentro de sua embarcação no mar para se despedirem. Diante daquele cenário, a família derrama algumas lágrimas sobre o navio e, então, de repente a embarcação começa a funcionar. A lágrima humana era a substância que o homem tanto havia procurado para que o navio funcionasse. Daquele momento em diante, a embarcação começou a se locomover sem nunca mais parar, levando o corpo com ele para todos os mares. Todos que viram a cena afirmam que o barco fantasma parecia mesmo estar vivo, como se tivesse alma.

Pensando nisso, é interessante notar com maior ênfase a vida que esse homem levou, as prioridades que ele tinha e a maneira com que lidava com as pessoas à sua volta, valorizando mais os bens que ele adquiriu durante a vida, sua carreira e suas criações materiais do que as pessoas.

A terceira e última parte traz o conto *O homem que fazia luz*, que também pode ser considerado um conto fantástico. A história conta com um narrador onisciente, que traz a narração de maneira não-linear utilizando-se do tempo psicológico para oscilar entre alguns acontecimentos passados e o tempo presente.

O conto aborda a história de um homem que podia fazer luz, mas que por estar envelhecendo e à beira da morte começa a se preocupar sobre quem ficaria em seu lugar. O conto faz um paralelo entre a história de vida deste homem solitário com a criação das estações do ano, da luz e também da escuridão.

Em toda a vida daquele homem, ele havia servido às pessoas com a produção de luz. Luz esta que alternava dependendo do horário, da época do ano e dos sentimentos de seu criador. O conto chega a citar que certa vez, quando ele era adolescente e se apaixonou pela primeira vez, ele produziu luzes tão delicadas e sutis, que a cidade toda logo estava toda florida, por esse motivo os moradores chegaram a dar o nome da moça àquele tipo de luz: primavera. Passados alguns meses que estavam juntos, a luz tornou-se ainda mais intensa, o garoto estava tomado por um êxtase, por isso chamaram àquela luz de verão.

No entanto, depois de algum tempo juntos, a amada acabou se desinteressando por ele, então eles terminaram, o que fez com que as folhas das árvores comessem a cair e os galhos ficassem secos, visto que ele havia diminuído o seu trabalho. Por causa disso, cada vez mais a luz tornou-se escassa naqueles meses, tão escassa que deram a ela o nome de inverno. Para todos os dependentes da luz, aquele havia sido um período com diversos tipos de luz, isso até que o homem que fazia luz enfim melhorou de seu diagnóstico "coração partido" e tudo começou a retornar a normalidade.

O que se sabia é que aquele homem, que já estava em sua velhice, não era imortal e, por isso, precisavam achar, urgentemente, alguém que pudesse produzir luz tão bem quanto ele, mas ninguém pôde. O tempo foi passando, se esgotando e certo dia tudo se fez escuridão. O homem que fazia luz fechou os olhos para nunca mais abri-los.

O conto descrito acima é o último da trilogia de *O Labatruz e outras desventuras*, fechando, assim, as três temáticas apresentadas: solidão, frustração e morte. Portanto, ao abordar essas questões, a autora evidencia a importância de se tratar também de temas indigestos nas obras literárias.

Isso exposto, Candido (2000) comenta em *Formação da literatura brasileira*, que ao se colocar frente a uma obra tem-se a possibilidade de compreendê-la a partir de várias perspectivas, as quais ele apresenta três: os fatores externos, com relação ao tempo e as designações sociais; o fator individual, ou seja, do autor que a realizou e se faz presente com marcas no texto; e, finalmente, o próprio texto, que é o resultado, e que contém os elementos anteriores e, ainda, outros, transcendendo-os, ou seja, sem reduzir-se somente a eles.

O estudioso comenta isso porque, para ele, se a crítica literária não quiser ser fragmentária, se referirá a essas três ordens ao mesmo tempo em qualquer análise. Isto porque, se avaliar apenas a biografia, ou as condições sociais e até a estrutura interna, de maneira separada, estará atuando mais como psicólogo, sociólogo ou biógrafo do que crítico (Candido, 2000).

A crítica literária está diretamente engajada com o seu objeto de estudo, emitindo valor sobre ela, mas não fica alheia ao restante das questões citadas anteriormente. Questões estas que *O Labatruz e outras desventuras* apresenta a partir da forma literária, dos gêneros conto e fábula, e com uma linguagem poética, para que o leitor não leia somente mais uma informação, mas tenha uma experiência estética, com a imaginação e a criatividade.

Dando sequência, para João Adolfo Hansen, a própria materialidade do suporte físico ou do meio de transmissão é também elemento de significação da obra. Por

isso, é interessante notar, para além do conteúdo, alguns outros aspectos que marcam o livro *O Labatruz e outras desventuras* e dizem respeito às histórias que serão contadas, a começar pela capa, que está sendo exibida a seguir.

Ilustração 3: Capa do livro *O labatruz e outras desventuras*, de Nogueira (2015).



Foto elaborada pela autora.
Fonte: Nogueira (2015).

Sobre a materialidade do livro, a obra tem a dimensão de 17 x 13 x 1.2 cm, sendo bem parecida com o tamanho de uma edição de bolso. Apresenta uma capa com a cor predominantemente vermelha, o desenho de um lobo e da lua na cor branca e as letras que oscilam entre o preto e o branco. A escolha das cores da capa diz respeito à mensagem que o livro quer passar: algo que emociona, que é impactante, que não passa despercebido, assim como a cor vermelha que. A textura do papel da capa se assemelha ao toque em veludo.

O leitor poderá notar que há falta de elementos na capa, o que transpassa simplicidade, sendo isto algo proposital, visto que o livro aborda nas três histórias a falta de algo, um certo vazio, a solidão, a frustração e a morte, o que também pode explicar o desenho de um lobo solitário, que é algo fora do comum, uma vez que essa espécie sempre é encontrada vivendo em uma alcateia.

O livro *O Labatruz e outras desventuras* utiliza-se de uma linguagem singela para abordar temas indigestos à sociedade e trazer reflexões sobre os temas referentes a questões existenciais da humanidade como: solidão, frustração, morte, dor, perdas e

falta. Tópicos que muitas vezes são evitados nas rodas de conversa e em debates, mas que sempre são experienciados pelos indivíduos ao longo da vida. Além disso, esses elementos ajudam na formação de leitores críticos, uma vez que a literatura é, historicamente, um espaço de resistência, criatividade e problematização (DALVI, 2018).

Isto exposto, vale ressaltar também que a obra segue na contramão de muitos livros que são, igualmente, de autoria feminina, mas que são desprovidos de valor estético, e que “corroboram com as premissas de um universo “feminino” romantizado, frívolo, pueril, agradável aos cerceamentos próprios de uma sociedade patriarcal, que visa a restringir as mulheres ao âmbito das futilidades” (LOUREIRO et al., 2020, p. 6).

Todavia, a obra de Judith Nogueira ultrapassa essas proposições e potencializa o papel da mulher no mercado editorial no que tange às produções literárias feitas por elas. Porque apesar de haver uma crescente produção literária, por mulheres, para crianças e jovens no Brasil e a conquista de vários prêmios nacionais e até internacionais, confere-se que, mesmo tendo obras de qualidade inestimáveis, muitas autoras ainda tem suas obras questionadas a partir de preconceitos e desconfianças inconcebíveis. Assim, quanto mais mulheres forem inseridas nesse meio e produzirem literatura, menos silenciamento haverá.

Pensando nisso, Judith Nogueira, em *O labatruz e outras desventuras*, apresenta através de sua escrita, resistência e um rompimento com as ideias de produções da indústria cultural, que constantemente faz

o nivelamento sempre “por baixo” – o clichê, o kitsch que retira a força contestatória da cultura produzida no seio dos grupos de vanguarda da classe trabalhadora, e ao mesmo tempo empobrece a experiência estética do clássico, universal e erudito (LOUREIRO et al, 2020, p. 6).

Em vista de todos esses fatores, pode-se afirmar que o perfil estético-literário da obra é substancial, uma vez que apresenta-se como uma verdadeira obra de arte, ao apresentar todo um trabalho estético desde a escolha das palavras até a produção gráfica do livro, elementos estes que remetem a sensibilidade de cada

indivíduo e a como cada sentido capta de forma sensível o mundo, uma vez que essa produção elabora, complexifica e expressa de forma literária a essência do cotidiano enquanto aborda ele (CORRÊA, et al. 2019).

Para Corrêa et al. (2019), toda obra literária, sendo produzida historicamente para exteriorizar as ações e os sentimentos humanos, é uma forma artística produzida por meio de um trabalho estético com as palavras. Uma vez que todas as obras literárias compromissadas com a arte e com a produção de sentidos “devem ser mobilizadas para sofisticar nossa inteligência, nossa emoção e nossa sensibilidade, para complexificar e lançar adiante nossa vida intra e intersubjetiva.” (DALVI, 2018, online).

Portanto, o que se vê na obra é justamente essa mobilização e um trabalho estético que se afasta da realidade imediata para conseguir voltar-se a ela e refletir a totalidade da vida, a

a unidade entre aparência e essência, entre nosso dia a dia e as forças históricas contraditórias que nele atuam. Logo, ela é também uma forma artística que produz o autoconhecimento do homem como parte da humanidade, levando a um questionamento do mundo, pois o leitor, ao vivenciar, no mundo próprio da arte, a relação entre essência e aparência, volta para seu cotidiano mais consciente de sua inteira realidade. Assim, a literatura é uma crítica da vida e, simultaneamente, uma forma de descobrir o núcleo da vida (CORRÊA, et al., 2019, p. 14).

Diante disto, faz-se mister afirmar que, como produção literária, *O Labatruz e outras desventuras* desempenha papel humanizador e emancipatório. Isto porque, os três contos desta obra têm seus enredos construídos a fim de conduzir os leitores a captar de forma significativa e subjetiva o mundo, retirando-os de sua condição de meros observadores da vida social para se reconhecerem, se identificarem e se tornarem participantes críticos dela (CORRÊA, et al. 2019).

Portanto, por meio desse livro literário, assim como tantos outros que passam pela leitura sensível e atenta da crítica literária, tem-se a alternativa para a humanização não só da vida, mas também da morte, das dificuldades e dilemas porque eles também são reais, se não na vida dos leitores, na vida daqueles que os cercam na sociedade. Isto é, a obra literária torna possível a compreensão acerca da

complexidade da vida, tornando visível as contradições dela e explorando seus mistérios, ao mostrar a condição humana em sua grandiosidade, mas também em sua miséria.

Por fim, como a indústria cultural tem tentado estabelecer sua supremacia e dominação no mercado editorial, a partir de *O Labatrúz e outras desventuras*, é possível compreender que é necessário continuar a levar obras canceladas pela crítica literária e outras instâncias sérias como o Prêmio Jabuti adiante, para que o espaço da arte não seja reduzido e sufocado, mas ampliado a tal ponto que todos possam ter o direito garantido à literatura elaborada e trabalhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao aglomerado de obras que estão sendo publicadas e divulgadas atualmente, a grande maioria das quais têm tido mais destaque (as obras mais vendidas) são as produzidas de acordo com os preceitos da indústria cultural. Logo, esta monografia tentou responder qual o perfil estético-literário das obras cujo público-alvo são os adolescentes e jovens com base nos livros que foram premiados pela Câmara Brasileira do Livro-Prêmio Jabuti, nos anos de 2015 e 2016, a saber: *O Labatrux e outras desventuras*, de autoria de Judith Nogueira, publicado pela editora Quatro cantos; e *A linha negra*, de autoria de Mario Teixeira, publicado pela editora Scipione. Isto, a fim de averiguar se havia diferença entre o perfil das obras premiadas e das mais vendidas.

Além disso, porque percebeu-se a importância de dar visibilidade a obras de qualidade estética, as quais fogem da dominação da indústria cultural homogeneizadora, que é guiada somente pelo capital e que enxerga os leitores somente como compradores; de compreender que tipos de obras têm composto o sistema literário brasileiro atual; e, ainda, de apresentar instâncias que legitimam e premiam obras, para que estas últimas ganhem maior notoriedade e alcancem um público maior.

Dessarte, este estudo também se preocupou em tratar da questão editorial, e da crítica literária no Brasil sob a ótica dos livros premiados, citados anteriormente, destinados a jovens leitores e a formação destes por meio da leitura literária. Questões que ainda têm sido pouco pesquisadas na academia.

Para isso, ao longo deste estudo há abordagem de uma revisão literária dos estudos mais recentes, que contemplam temáticas aproximadas a esta, a fim de apontar um panorama geral das pesquisas que têm sido realizadas ultimamente. Há a apresentação de discussões acerca do sistema literário brasileiro, que trata Antonio Candido, e a crítica literária no Brasil. E, ainda, a análise literária do corpus selecionado nesta monografia, evidenciando qual o perfil estético-literário foi revelado em tais obras.

Dito isto, esta pesquisa partiu da hipótese de que as obras literárias premiadas apresentariam um perfil diferente das que eram mais vendidas, porque são legitimadas por instâncias de valor e são submetidas a valoração da crítica literária. Assim, constatou-se, a partir das análises das obras, que os livros premiados apresentam um distanciamento imenso entre os livros mais vendidos. Isto porque, diferentemente dos livros mais vendidos, que são, em sua grande maioria, frutos da indústria cultural e voltados somente para a comercialização, os livros premiados não têm em seu cerne apenas o foco de gerar prazer e entretenimento, vão muito além, sendo instrumentos de intervenção social e formação humanizadora.

Ademais, tais obras premiadas abordam questões gerais da experiência do ser humano. E que, assim, ultrapassam as páginas e ressoam em cada leitor. Tanto na materialidade quanto na maneira como a linguagem é utilizada, chama a atenção por não facilitar ou enfeitar, a fim de atingir o leitor jovem, com a justificativa da idade. Ao contrário, há todo um trabalho estético, a fim de potencializar a leitura e não a de menosprezar a inteligência desse público.

Portanto, conclui-se que o perfil estético-literário dos livros brasileiros juvenis chancelados pela Câmara Brasileira do Livro-Prêmio Jabuti e pela crítica literária, nos anos de 2015 e 2016, é heterogêneo, uma vez que as obras apresentam temáticas e formas diversas ao tratar das inúmeras questões da complexidade humana, questões atinentes à vida.

Dito isto, para Venturelli (1990), o professor de literatura é aquele que antes de qualquer coisa, lida com a palavra. Além disso, para ele, é a palavra que molda tudo. Nesse sentido, a partir dos estudos contidos nesta monografia, espera-se colaborar para que os professores de literatura tenham um maior conhecimento sobre quais obras levar para a sala de aula, a fim de que não troquem o estético pelo utilitário ou massificado, uma vez que isso afetaria a formação dos alunos pela palavra, a qual é mecanismo de transformação nesse espaço democrático que se chama escola. Isto porque, este é o local do não-dito, dos conhecimentos elaborados historicamente e que, provavelmente, muitos alunos não terão acesso fora deste ambiente.

Por conseguinte, a importância deste estudo também se dá na academia e na sociedade, uma vez que a presente monografia propõe uma pesquisa de investigação acerca de qual tem sido o perfil-estético de obras juvenis, canceladas pela crítica literária, por meio do Prêmio Jabuti, a fim de verificar que espécie de tradição literária, ou tocha, está sendo transmitida às próximas gerações pelo sistema literário brasileiro. E que experiência literária está sendo destinada aos jovens leitores da atualidade a partir das obras legitimadas pela crítica literária e pelo Prêmio Jabuti.

Por fim, cabe ressaltar que por essa pesquisa fazer parte de uma pesquisa recém finalizada pelo grupo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), se trata de um recorte, assim, não apresenta toda a extensão, problematização e complexidade proposta pelo grupo para o estudo dessa temática. No entanto, esta monografia faz-se mister, mesmo expondo apenas alguns delineamentos, a considerar as reflexões que aborda e a falta de pesquisas mais aprofundadas na área.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. Neoliberalismos e as trajetórias dos feminismos latino-americanos. In: MORENO, Renata (Org.). **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2014. p. 24-27. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Economia-e-poli%CC%81tica-web.pdf>. Acesso em 08 de Ago. de 2021.

BACCON, Franciele Fátima; HAETINGER, Rosiene Almeida Souza. A representação da literatura escrita por mulheres no Prêmio Jabuti. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 9, n. 3, p. 719-735, set.-dez. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2591>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

BASTOS, Fernanda. Literatura e recepção: leitura e subjetividade. **Letras de hoje**. Porto Alegre. v.39, nº 3, p. 51- 60, 2003.

BATTISTI, Roselei; PORTO, Ana Paula Teixeira. Literatura Juvenil Brasileira: narrativas do século XXI. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, n. 18, p. 222-232, ago. 2016. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/2409>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 2000

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/UsP, 1999.

CARVALHO, Maria Meire de. Vivandeiras em marcha: entre silêncios e reducionismos historiográficos. **Labrys**, 2015. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys27/historia/meire.htm>>. Acesso em: 30, JUL. 2021.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis et al. Literatura e Vida Social. In: CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman; ROSA, Daniele dos Santos (Org.). **Caderno de Literatura: um percurso em literatura na educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019. p. 12-38.

DALVI, Maria Amélia. Formação de leitores e educação literária: uma base que desaba. **Voz da literatura**, 2018. Disponível em <<https://www.vozdaliteratura.com/post/forma%C3%A7%C3%A3o-de-leitores-e->

educa%C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-uma-base-que-desaba>. Acesso em: 06 de Mai. de 2021.

DUARTE, Cristina Rothier; SEGABINAZI, Daniela Maria; SANTOS, Maria das Graças de Aquino. Romance juvenil: panorama via prêmio jabuti (2007-2017). **Revista Letras Raras**. v. 7, n. 3, 2018, p. 34-54. Disponível em:<<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1185>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

DURÃO, Fabio. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin Editorial, 2016. p. 1-11.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, v. 2002, 2017. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/wp-/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf> Acesso em: 08 ago. 2021

GUERRA, M. P. R. **O leitor e a literatura juvenil**: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola. 2015. 156 f. Orientador: Maria Amélia Dalvi. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SOUZA, Renata Junqueira de. A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 25-40, maio./ago. 2019. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4207>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

LOUREIRO, Robson, RAMALHETE, Mariana Passos, STEN, Samira da Costa. **Os livros mais vendidos: literatura juvenil e experiência estética**. Perspectiva: Florianópolis. Volume 38, n. 1. 2020, p. 01 – 21.

MEDEIROS, Elita de. Imaginários em diálogo: A lenda do lobisomem em uma perspectiva bakhtiniana como resgate de narrativas folclóricas. **Tubarão**, 2006. 152 p. Tese (monografia em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa) - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

NAVAS, Diana. **A expansão dos sentidos a partir da materialidade do livro**: Leituras de aos 7 e aos 40, de João Anzanello Carrascoza. *Miscelânea*, Assis, v.27, p.65-76, jan.-jun. 2020.

NOGUEIRA, Judith. **O labatruz e outras desventuras**. 1ª ed. São Paulo: Quatro Cantos, 2016.

PEREIRA, Marcus Vinicius Mayer; SEFFNER, Fernando. Entre o dito e não-dito: a morte na literatura infantojuvenil. **Textura - revista de educação e letras**. v. 21, n. 45, p. 148-174, jan/mar. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4815>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

PORTELLA, Oswaldo O. **A fábula. Letras**, Curitiba (32) 119-138 - 1983 - UFPR.

PORTO, Ana Paula Teixeira; PICOLOTTO, Emanoeli Ballin. Perfil dos autores premiados na categoria Romance do Prêmio Jabuti. **Navegações**. v. 12, n. 1, p. 112 - 121, jan.-jun. 2018. Disponível em:
<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/27728>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

SANTOS, Marcos Lemos Ferreira do. CARVALHO, Ricardo Souza de. HANSEN, João Adolfo. **Ficção e história no romance brasileiro** - aula 1 (inaugural). Youtube. Disponível em:<<https://youtu.be/Bb3VCHIRmdl>>. Acesso em 10 abr. 2021. 2:44:47

SÉRGIO, Ricardo. **A ficção. Recanto das letras**, 2009. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1612705>>. Acesso em: 27 de Jul. de 2021.

TEIXEIRA, Mario. **A linha negra**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2015.

VENTURELLI, Paulo. **A Literatura na escola. Letras**, Curitiba, v. 38, p. 259-269, 1990.

ZILBERMAN, Regina. O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014). **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 50, p. 424-443, jan./abr. 2017. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/elbc/a/wptLv3W9jzxgr5LfQQKpqcL/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 de set. de 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil**. Perspectiva: Florianópolis. 1985, p. 98 – 102.

